

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA LAURA ACHÊ**

**GEOVANNA PIRONELLI VIANA**

**JÚLIA FERREIRA DE MENEZES**

**GÊNERO E GERAÇÃO: UM ESTUDO COMPREENSIVO DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS**

**Ribeirão Preto**

**2021**

**ANA LAURA ACHÊ**

**GEOVANNA PIRONELLI VIANA**

**JÚLIA FERREIRA DE MENEZES**

**GENÊRO E GERAÇÃO: UM ESTUDO COMPREENSIVO DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção  
do grau de Bacharel em Psicologia pelo Centro  
Universitário Barão de Mauá.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Machado da  
Silva Carita

**Ribeirão Preto**

**2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

G29

Gênero e geração: um estudo compreensivo das práticas parentais/Ana Laura Achê;  
Geovanna Pironelli Viana; Júlia Ferreira de Menezes - Ribeirão Preto, 2021.

92p.

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de  
Mauá

Orientador: Dra. Gisele Machado da Silva Carita

1. Práticas parentais 2. Gênero 3. Ordem de nascimento I. Achê, Ana Laura II. Viana,  
Geovanna Pironelli III. Menezes, Júlia Ferreira de IV. Carita, Gisele Machado da Silva  
V. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB<sup>8</sup> 9878

**ANA LAURA ACHÊ**

**GEOVANNA PIRONELLI VIANA**

**JÚLIA FERREIRA DE MENEZES**

**GENÊRO E GERAÇÃO: UM ESTUDO COMPREENSIVO DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção  
do grau de Bacharel em Psicologia pelo Centro  
Universitário Barão de Mauá.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Gisele Machado da  
Silva Carita

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Machado da Silva Carita  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Caroline de Oliveira Zago Rosa  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Marina Candiani Meles  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto**

**2021**

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, que investiram na construção do nosso conhecimento; aos profissionais da área e às famílias, para que conduzam suas vivências com maestria.

## **AGRADECIMENTO**

Gostaríamos de agradecer a nossa orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Machado da Silva Carita, pelo apoio e dedicação em partilhar conosco parte de sua experiência profissional edificando nossos conhecimentos. Agradecemos também à coordenadora do curso Prof<sup>a</sup>. Me. Caroline de Oliveira Zago Rosa e todo o corpo docente do Centro Universitário Barão de Mauá, que nos acompanhou e nos ajudou a construir nossa história profissional.

À Deus, que sustentou nossa persistência durante nossa caminhada.

Aos nossos pais, que acreditaram no nosso potencial, oferecendo incentivo e apoio nas horas difíceis.

Aos nossos amores, pela companhia, motivação e compreensão de nossa dedicação durante o tempo investido.

Aos nossos amigos, os quais compartilhamos alegrias e frustrações durante a formação e continuarão fazendo parte de nossa história.

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”

**(Jean Piaget)**

## RESUMO

As crianças desenvolvem seus valores e estruturam sua personalidade a partir da relação estabelecida com seus pais e cuidadores durante a infância. Entende-se por práticas parentais todos os meios utilizados pelos pais para educar e controlar o comportamento de seus filhos, estando diretamente relacionadas ao desenvolvimento funcional e adaptativo futuro. Em uma família com dois ou mais filhos, é comum surgirem discussões a respeito das diferenças de carinho e cuidado oferecidos a cada um. A constatação (ou não) dessa distinção entre as práticas parentais educativas direcionadas para cada filho mobilizou a investigação do tema, principalmente no que concerne às diferenças de gênero e ordem de nascimento dos filhos. Este estudo objetivou compreender as práticas parentais envolvendo condutas educativas e disponibilização de recursos afetivos e práticos, considerando o gênero de pais e filhos. Trata-se de uma pesquisa de campo, com análise qualitativa, objetivo exploratório e natureza aplicada. O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética do Centro Universitário Barão de Mauá, através da Plataforma Brasil, garantindo o caráter ético do estudo (Parecer 4.764.552). A coleta de dados com os participantes somente se iniciou após validação e aprovação do Comitê de Ética e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando ao participante sigilo e utilização dos resultados somente para fins didáticos. A coleta de dados contou com 5 casais heterossexuais voluntários, com idades variando entre 33 e 53 anos e nível de escolaridade, de Ensino Fundamental Incompleto à Ensino Superior Completo, que tinham dois (ou mais) filhos de diferentes sexos, até 12 anos, visando comparar perspectivas de cuidado, investimento e controle. A amostra foi contatada através do “método da bola de neve”, em que um participante inicial, denominado “semente”, indicou o seguinte. Os participantes responderam a uma entrevista individual semiestruturada, cujo roteiro foi elaborado especialmente para este estudo, mediada pela tecnologia, através da plataforma Google Meet. A análise dos dados foi baseada na Teoria da Análise de Conteúdo, constituída por três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados. Desse modo, foram encontradas 9 categorias temáticas, sendo elas: Práticas desenvolvidas pela geração anterior; Percepção sobre personalidade e cuidado dos filhos; Ordem de nascimento dos filhos; Percepção sobre a participação do parceiro nos cuidados (pai/mãe); Delimitação de tarefas aos filhos; Estabelecimento de limites; Expectativas sobre o futuro dos filhos; e, Aprimoramento de práticas. Espera-se que a compreensão sobre a relação entre gênero da criança/pais e as práticas parentais, possa instrumentalizar a ação profissional do psicólogo junto às famílias.

**Palavras-chave:** Práticas parentais. Condutas educativas. Gênero. Ordem de nascimento.

## ABSTRACT

Children develop their values and structure their personalities from the relationship with their parents and caregivers during childhood. Parenting practices are understood as all means used by parents to educate and control their children's behavior, directly related to future functional and adaptive development. In a family with two or more children, it is common for them to appear respecting the differences in the affection and care offered to each one. The finding (or non-finding) of this distinction among the parenting practices aimed at each child mobilized this investigation, especially concerning differences in gender and birth order of children. This study aimed to understand the parenting practices involving educational behavior and the provision of affective and practical resources, considering the gender of parents and children. It is field research, with qualitative analysis, exploratory objective, and applied nature. The project was submitted for analysis by the Ethics Committee of the Centro Universitário Barão de Mauá, through Plataforma Brasil, guaranteeing the ethical nature of the study (ruling no. 4,764,552). Data collection with participants only began after validation and approval by the Ethics Committee and signature of the Informed Consent Term, ensuring the participant's confidentiality and use of the results only for educational purposes. Data collection included 5 voluntary heterosexual couples, aged between 33 and 53 years and education level, from Incomplete Elementary School to Complete Higher Education, who had two (or more) children of different sexes, up to 12 years old, during Comparison of care, investment, and control. The sample was contacted through the "snowball sampling", in which an initial participant called "seed" indicated the following one. Participants answered a semi-structured individual interview, whose script was specially designed for this study, mediated by technology, through the Google Meet platform. Data analysis was based on the Content Analysis Theory, discovered by three phases: pre-analysis, material exploration, and treatment of results. Thus, 9 similar thematic categories were found, namely: Practices developed by the previous generation; Perception of personality and child care; Children's birth order; Perception of the partner's participation in care (father/mother); Delimitation of tasks for children; Setting limits; Expectations about the children's future; and Improvement of practices. It is expected that the understanding of the relationship between the child's gender/parents and parenting practices, can instrumentalize the professional activities of the psychologist with the families.

**Keywords:** Parenting practices. Educational behaviors. Gender. Birth order.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.</b> ....	<b>6</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>7</b>
<b>2.1 Desenvolvimento humano.</b> .....	<b>7</b>
<b>2.1.1 Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner</b> .....	<b>8</b>
<b>2.1.2 Fases do desenvolvimento infantil.</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1.3 Efeitos potenciais da pandemia sobre as práticas parentais e o desenvolvimento infantil.</b> .....	<b>10</b>
<b>2.2 Práticas parentais.</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2.1 Estilos parentais</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2.2 A parentalidade na atualidade</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2.3 Influência das práticas parentais no desenvolvimento da empatia</b> .....	<b>14</b>
<b>2.3 Práticas parentais e gênero</b> .....	<b>15</b>
<b>2.3.1 A família como transmissora transgeracional</b> .....	<b>15</b>
<b>2.3.2 Desigualdade de gênero e família</b> .....	<b>16</b>
<b>2.3.3 Gênero e desenvolvimento infantil</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3.4 O novo modelo familiar</b> .....	<b>20</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>23</b>
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	<b>24</b>
<b>4.1 Objetivo geral.</b> .....	<b>24</b>
<b>4.2 Objetivos específicos.</b> .....	<b>24</b>
<b>5 MÉTODO</b> .....	<b>25</b>
<b>5.1 Delineamento.</b> .....	<b>25</b>
<b>5.2 Participantes.</b> .....	<b>25</b>
<b>5.3 Local.</b> .....	<b>27</b>
<b>5.4 Instrumentos e materiais.</b> .....	<b>28</b>
<b>5.5 Procedimentos.</b> .....	<b>28</b>
<b>5.5.1 Coleta de dados.</b> .....	<b>28</b>
<b>5.5.2 Análise de dados.</b> .....	<b>29</b>
<b>5.6 Considerações éticas.</b> .....	<b>29</b>
<b>6 RESULTADO E DISCUSSÃO.</b> .....	<b>31</b>

<b>6.1 Práticas desenvolvidas pela geração anterior (família de origem dos pais)</b> .....	<b>33</b>
6.1.1 Gênero dos irmãos.....	33
6.1.2 Estilos parentais.....	34
6.1.3 Influência transgeracional.....	35
6.1.4 Transformações socioculturais.....	37
<b>6.2 Percepção sobre a parentalidade e cuidado dos filhos</b> .....	<b>39</b>
6.2.1 Gênero masculino.....	39
6.2.2 Gênero feminino.....	40
6.2.3 Dificuldades/diferenças de cuidado.....	40
6.2.4 Necessidade de atenção especial para um dos filhos.....	42
6.2.5 Estereotipificação de gênero.....	43
6.2.6 Autoavaliação de práticas.....	45
<b>6.3 Ordem de nascimento dos filhos</b> .....	<b>46</b>
6.3.1 Menina mais velha/menino mais novo.....	46
6.3.2 Gêmeos.....	47
<b>6.4 Percepção sobre a participação do parceiro nos cuidados (mãe/pai)</b> .....	<b>47</b>
6.4.1 Divisão de tarefas.....	48
6.4.2 Autoridade.....	48
6.4.3 Desempenho afetivo.....	50
<b>6.5 Delimitação de tarefas aos filhos</b> .....	<b>51</b>
6.5.1 Tarefas domésticas/escolares.....	51
6.5.2 Tarefas “esperadas” para os gêneros.....	53
<b>6.6 Estabelecimento de limites</b> .....	<b>53</b>
6.6.1 Flexibilidade.....	54
6.6.2 Estado civil dos pais.....	55
6.6.3 Personalidade dos filhos.....	56
6.6.4 Estilo Parental.....	57
6.6.5 Esclarecimento de regras.....	59
<b>6.7 Expectativa sobre o futuro dos filhos</b> .....	<b>59</b>
6.7.1 Papel social.....	59
6.7.2 Papel profissional.....	61
6.7.3 Papel cultural.....	62
6.7.4 Papel parental.....	62

<b>6.8 Aprimoramento de práticas.....</b>	<b>63</b>
<b>6.8.1 Qualidade de tempo.....</b>	<b>63</b>
<b>6.8.2 Assertividade.....</b>	<b>63</b>
<b>6.8.3 Afetividade .....</b>	<b>64</b>
<b>6.8.4 Desenvolvimento, saúde e pandemia.....</b>	<b>64</b>
<b>6.9 Identificação específica com determinado gênero .....</b>	<b>66</b>
<b>6.9.1 Personalidade próxima a dos pais.....</b>	<b>66</b>
<b>6.9.2 Percepção (filhos) - diferenças afetivas.....</b>	<b>67</b>
<b>6.9.3 Comportamento facilitador .....</b>	<b>67</b>
<b>6.9.4 Feedback positivo dos filhos .....</b>	<b>68</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE A</b>	
<b>APÊNDICE B</b>	
<b>ANEXO A</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que, desde o nascimento dos filhos, os pais lidam com meninos e meninas de forma diferente, é possível que, ao longo do desenvolvimento, as diferenças de gênero sejam influenciadas, principalmente, pelas expectativas sociais. Com o intuito de compreender a dinâmica das práticas parentais educativas pelo viés do sexo dos filhos, o enfoque desta pesquisa será o estudo das práticas parentais, a partir do gênero e geração de pais e filhos. Segundo Gomide (2006), práticas parentais consistem em um esquema de métodos e recursos utilizados pelos adultos na criação de seus filhos. A soma dessas práticas determina o estilo parental do casal, definido como a forma de interação dos pais e filhos, mais ou menos consistentes.

Referente aos estilos parentais, Baumrind, uma das pioneiras a desenvolver teorias a respeito dos estilos parentais, propôs três diferentes tipos de parentalidade: o estilo autoritário, estilo permissivo e estilo autorizante, discorrendo acerca da influência de cada um no comportamento das crianças, sendo o estilo autorizante o mais efetivo entre os outros dois modelos (BOECKEL; SARRIERA, 2006). Mais à frente, Eleanor Maccoby e John Martin (1983, *apud* Papalia; Feldman, 2013), desenvolveram um quarto modelo de parentalidade: o negligente ou omissa.

Vale destacar que ao longo do desenvolvimento, as crianças se constituem através de algumas variáveis que as influenciam, sendo a principal delas, a família. Deste modo, entender as práticas-educativas parentais possibilitará compreender a dinâmica familiar e suas especificidades, bem como analisar aspectos adequados ou não, que constituem o processo do desenvolvimento infantil (SILVA *et al.*, 2008). Em conformidade, o modelo bioecológico de Bronfenbrenner e os estágios de desenvolvimento de Piaget orientarão a investigação da temática do estudo, diante da complexidade do assunto.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Será realizado nessa seção uma breve revisão da literatura existente acerca do tema a ser investigado, compreendendo as contribuições teóricas sobre desenvolvimento humano, parentalidade e gênero.

### **2.1 Desenvolvimento humano**

O desenvolvimento humano é compreendido como um processo vasto, constituído por descobertas, progressos, crescimentos; desde a concepção até a morte. Ainda, é entendido através da junção dos processos biológicos, culturais, sociais, políticos e econômicos; bem como a forma de cada indivíduo ser e estar no mundo. Por isso, é importante considerar o sujeito como alguém dotado de diversidade e singularidade, sem uma formação unânime, linear e universal (XAVIER; NUNES, 2015).

Em contrapartida, “alguns cientistas do desenvolvimento sugerem que certas necessidades básicas precisam ser satisfeitas e certas tarefas precisam ser dominadas para que ocorra um desenvolvimento normal” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.34). Posteriormente, a autora apresenta alguns domínios do desenvolvimento para melhor compreensão do mesmo. O primeiro, refere-se ao desenvolvimento físico, que abarca o desenvolvimento do cérebro, do corpo, as competências motoras e sensoriais. O segundo, o desenvolvimento cognitivo, que abrange capacidades mentais como os pensamentos, a atenção, a memória, a criatividade, a linguagem; e por fim, o desenvolvimento psicossocial, que compreende aspectos da personalidade, das relações sociais e das emoções.

Conforme Papalia e Feldman (2013), percebe-se então o desenvolvimento humano subdividido em períodos do ciclo da vida (período pré-natal, primeira infância, segunda infância, terceira infância, adolescência, início da vida adulta, vida adulta intermediária e vida adulta tardia), sendo marcado pela construção social e pelas diferenças individuais como gênero, peso, altura, temperamento, nível de saúde, inteligência, forma de lidar com as emoções e relacionamentos interpessoais.

Consoante com as autoras, as influências relacionadas às particularidades biológicas presentes no curso do desenvolvimento principiam-se na hereditariedade. Já as influências relacionadas à aprendizagem e às vivências, advém das influências ambientais; enquanto outras modificações físicas e de comportamentos relacionam-se a maturação do cérebro. Dessa forma,

é possível analisar as repercussões dessas influências na vida de cada indivíduo, lembrando de entender que cada um encontra-se submetido a um compasso de tempo em seu desenvolvimento; onde, segundo Bee e Boyd (2011), cada indivíduo seja capaz de construir um composto de ideias e significados sobre si, sobre o mundo e sobre o relacionamento com as outras pessoas, designando um modelo interno de experiência.

### **2.1.1 Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner**

Nessa perspectiva, o primeiro ambiente social em que o indivíduo lida com as influências, é a família. Bronfenbrenner (1989 *apud* BEE; BOYD, 2011, p.32) “ênfatiza que cada criança cresce em um ambiente social complexo (uma ecologia social) com um elenco distinto de personagens: irmãos, irmãs, um ou ambos os pais, avós, babás, animais de estimação, professores, amigos”; os quais estão imersos em outros contextos mais amplos como o emprego, o bairro onde vivem; que devem ser compreendidos como fatores que se relacionam num sistema mais complexo, que podem também interferir no desenvolvimento da criança.

Consoante a Bee e Boyd (2011), a família constitui uma rede integrada e adaptativa de subsistência à criança, capaz de auxiliar na interação dos membros e amortecer a nocividade da cultura social. Nesse sentido, os contextos descritos por Bronfenbrenner (micro, meso, exo e macrosistema) compreendem o lugar das interações e relações, desde as proximais até as distais. Portanto, a família compõe o microsistema, onde os vínculos acontecem face a face (LEÃO; SOUZA; CASTRO, 2015).

Por conseguinte, o mesossistema constitui as interrelações dos microsistemas, onde os sujeitos convivem de forma ativa. Já o exossistema, “inclui toda uma gama de elementos do sistema que a criança não experimenta diretamente, mas que influenciam a criança porque afetam um dos microsistemas, particularmente a família”, como por exemplo, o trabalho e a rede de amigos dos pais (BEE; BOYD, 2011, p.362). Finalmente, o macrosistema “envolve todos os ambientes, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para a outra” (MARTINS; SZYMANSKY, 2004, p.67).

Segundo Leão, Souza e Castro (2015), esses contextos de interações abarcam a formação do indivíduo; e ainda, compreendem a atuação dos sujeitos em várias perspectivas no decorrer da vida. Além desses contextos de inserção do indivíduo, a Teoria Bioecológica também é fomentada pelo processo e pelo tempo. O primeiro, “tem a ver com as ligações entre os diferentes níveis e se acha constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em

desenvolvimento”; e o segundo “pode ser entendido [...] como ocorrem as mudanças nos eventos no decorrer dos tempos, devido às pressões sofridas pela pessoa em desenvolvimento” (MARTINS; SZYMANSKY, 2004, p.65).

Dessa maneira, é fundamental perceber que toda particularidade do ser humano existe e é influenciada por fatores diversos e não por um contexto isolado da pessoa em desenvolvimento. Isto posto, Bronfenbrenner (1996, p.5 *apud* MARTINS; SZYMANSKY, 2004, p. 68) descreve o desenvolvimento como

mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente, (...) é o processo através do qual a pessoa desenvolve adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou restituíram aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo.

### **2.1.2 Fases do desenvolvimento cognitivo**

A análise Piagetiana identifica no desenvolvimento humano, aspectos da inteligência, a interação das características biológicas e as influências do meio ambiente do indivíduo no que concerne o seu desenvolvimento. Em suas contribuições, Jean Piaget propõe quatro estágios do desenvolvimento: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório formal (PIOVESAN *et al.*, 2018).

O primeiro estágio, denominado sensório-motor, ocorre de zero à dois anos, onde a criança busca explorar o ambiente através da inteligência prática, procurando responder às suas necessidades pontuais. “No entanto, a criança ainda não consegue se diferenciar em relação ao mundo exterior e das demais pessoas com as quais convive” (RAPPAPORT, 1981 *apud* SANTIAGO *et al.*, 2020, p. 83).

Em conformidade com os autores, posteriormente, o estágio pré-operatório, dos dois aos sete anos, torna-se mais estável a linguagem da criança; onde esta passa a desenvolver uma capacidade intelectual mais estruturada. Nesta fase, a criança apresenta atos indutivos, manifestações do egocentrismo, e o início da concepção de moralidade.

Em seguida, o estágio operatório concreto, acontece dos sete aos onze anos, onde a criança precisa de material concreto para realizar suas ações. Nesse sentido, ela dispõe de sua inteligência operatória concreta, deixando seus conceitos intuitivos para conceber conceitos abstratos. Dessa maneira, a criança inicia sua capacidade de compreender irreversibilidades, entendimento de permanência, consolidação de símbolos, substâncias e pesos, passando a ser

participante ativa no desenvolvimento de seu conhecimento (TIRADENTES; SANTOS; LOPES, 2018).

Por fim, o último estágio nomeado operatório-formal acontece a partir dos 12 anos, quando o indivíduo é capaz de abstrair, utilizar recursos hipotéticos e dedutivos, solucionar problemas, construir opinião e autonomia (CEVOLANE *et al.*, 2017 *apud* OLIVARES; SITA, 2013).

Isto posto,

Piaget compreendia, [...] que os estágios são guias para mapear o desenvolvimento infantil, porém, para que a criança possa desenvolver suas habilidades e sua inteligência é fundamental que exista a mediação. Para Piaget o adulto é o principal mediador do desenvolvimento infantil (SANTIAGO *et al.*, 2020, p. 84).

### **2.1.3 Efeitos potenciais da pandemia sobre as práticas parentais e o desenvolvimento infantil**

Desde o início de 2020, mundialmente enfrenta-se uma crise sanitária devido a proliferação do vírus Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARSCoV-2), que provoca a Covid-19. Diante desse cenário, não há comprovação farmacológica eficaz e o processo de vacinação é recente, não alcançando ainda população de todas as faixas etárias. Isto posto, para combater o vírus, medidas protetivas foram estabelecidas como: distanciamento social, redução de mobilidade, uso de máscaras e álcool em gel (SHIMIDT *et al.*, 2020).

Conforme Liang (2020 *apud* Linhares; Enumo, 2020), tais parâmetros adotados para controle da disseminação do vírus podem trazer consequências negativas em vários aspectos, como nas próprias pessoas e em seus vários contextos de desenvolvimento. Nesse sentido, a Psicologia será uma ferramenta teórico-conceitual que contribuirá na compreensão dos impactos psicológicos e comportamentais dos indivíduos, como pânico, medo, ansiedade e depressão (HOLMES *et al.*, 2020; JIAO *et al.*, 2020 *apud* LINHARES; ENUMO, 2020).

Segundo Mata *et al.* (2021), os impactos dessa situação nas crianças e as consequências psicológicas, ainda são vastos na literatura. Tem-se observado a saúde física da criança tem sido a menos afetada; em contrapartida a saúde mental, deve-se estar sob atenção, sabendo que os impactos de distanciamento e isolamento social podem afetar esse público, nesse sentido, mais vulnerável, que depende das relações sociais para constituírem seu mundo interno e seu desenvolvimento.

Em conformidade com Linhares e Enumo (2020), alguns fatores de risco podem prejudicar o desenvolvimento saudável da criança, caracterizando o “microcontexto caótico”,

proposto pela Teoria do Caos (EVANS; WACHS, 2010 *apud* LINHARES; ENUMO, 2020), releitura da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (2011 *apud* LINHARES; ENUMO, 2020).

Esses fatores de risco que podem permear o desenvolvimento saudável das crianças, são:

falta de estimulação adequada ao nível de desenvolvimento das crianças; violência, maus tratos, negligência e conflitos, práticas parentais com disciplina abusiva e coercitiva, desnutrição, baixa escolaridade, desemprego e instabilidade financeira, alta densidade habitacional no lar, problemas de saúde mental dos pais, entre outros (EINSTEIN *et al.*, 2019; ESPADA *et al.*, 2020 *apud* SILVA *et al.*, 2021).

Consoante a Linhares e Enumo (2020, p. 4), percebe-se que o atual momento “provoca um contexto caótico e altamente estressor, que se reflete sobremaneira no sistema familiar e no desenvolvimento das crianças”. Isso pode acontecer em virtude do caos familiar, causado por falta de estrutura, pouca regularidade na rotina, falta de recursos, entre outros. Dessa forma, percebe-se que o microssistema familiar passou a ser ainda mais o “nicho de desenvolvimento” das crianças, permeado por incertezas e ajustes adaptativos.

Conforme Meireles (2020), outro microssistema prejudicado é a escola, ambiente que contribui para socialização do indivíduo. Desta forma, além de prejuízos na aprendizagem formal, nota-se um descalabro na interação das relações proximais; principalmente por haver adaptações online que podem também prejudicar, como o uso excessivo de telas. Como consequência, parte do mesossistema social também é prejudicado, pela falta de assistência e suporte a essas famílias; bem como a influência do macrossistema, diante das divergências e decisões que podem impactar o desenvolvimento.

“No contexto da pandemia do Covid-19, as crianças e os pais estão lidando com situações altamente estressoras que ameaçam a capacidade de enfrentamento adaptativo” (LINHARES; ENUMO, 2020, p. 6), em virtude de situações estressoras tóxicas, que se diferem do estresse positivo e tolerável. Nesse sentido, o estresse tóxico caracteriza reações intensas diante de episódios adversos (BRANCO; LINHARES, 2018; SHONKOFF *et al.*, 2012 *apud* LINHARES; ENUMO, 2020).

Dessa forma, para lidar com situações estressoras, é necessário a mobilização de estratégias de enfrentamento (*coping*), utilizando de recursos que auxiliem na adaptação às adversidades. Segundo a Teoria Motivacional do *Coping* (SKINNER; ZIMMER-GEMBECK, 2016 *apud* LINHARES; ENUMO, 2020), algumas estratégias mal adaptativas estão inseridas nessas situações estressoras como negação, evitação, pensamento mágico, catastrofização; que viabilizam uma autoavaliação dos próprios indivíduos como incompetentes para lidarem com a mesma.

Por isso, o desenvolvimento de estratégias adaptativas como comunicação assertiva, busca de informações evidentes, plano de ação, resolução de problemas, colaboram para o senso de eficácia, evitando desamparo e melhorando a administração de sentimentos como medo, insegurança e pânico. “É necessário que os pais e os cuidadores também se conscientizem e saibam entender que esse é um processo delicado e novo para esse século, tornando-se importante a abertura de fala para que as crianças possam externar seus sentimentos” (MATA *et al.*, 2020, p. 5).

## **2.2 Práticas parentais**

Conforme os filhos crescem e reconhecem-se como pessoa, educá-los se torna um desafio complicado para os pais, já que esses pequenos sujeitos apresentam mentes e vontades próprias, porém, ainda assim eles precisam aprender muito sobre a vida e sobre como devem se portar diante da sociedade, entendendo quais comportamentos são vistos como adequados ou não no meio em que vivem (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301).

Deste modo, de acordo com Freitas e Piccinini (2010), entende-se que o primeiro meio social de que um indivíduo participa no decorrer de seu desenvolvimento é a família, sendo estes os indivíduos que irão fazer com que a criança internalize normas culturais e determine vínculos essenciais para a sua evolução futura. Assim sendo, entende-se como práticas educativas parentais o empenho dos pais em controlar e socializar seus filhos, os métodos usados por eles para ensiná-los e as estratégias que têm como finalidade substituir comportamentos julgados como inadequados e estimular comportamentos, por sua vez, apropriados (SAMPAIO, 2007).

### **2.2.1 Estilos parentais**

Consoante Papalia e Feldman (2013), o temperamento é um aspecto importante para explicar o porquê de as crianças responderem de diferentes formas à uma situação semelhante, porém existem pesquisas as quais indicam que os estilos parentais são capazes de afetar a capacidade da criança em lidar com seu mundo. Baumrind (1971 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013) desenvolveu uma das primeiras teorias a respeito dos estilos parentais, classificando-os em três estilos: a parentalidade autoritária, a permissiva e a democrática.

A parentalidade autoritária, ressalta a importância da obediência, no qual os pais controlam e avaliam seus filhos de uma forma inflexível, e, na maioria das vezes, utilizam

métodos punitivos para atribuir limites. A parentalidade permissiva é aquela em que os pais não exigem tanto dos filhos e consentem que estes controlem seus próprios afazeres; já a parentalidade democrática é quando os pais dão ênfase a singularidade da criança, confiando em sua competência para instruir seus filhos, porém considerando que estes têm seus interesses próprios (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 303).

Conforme Papalia e Feldman (2013), crianças com pais que praticam o estilo autoritário geralmente são mais introvertidos, aborrecidos e têm maior dificuldade em confiar. Já filhos de pais permissivos tendem a ser mais imaturos durante o período da pré-escola, mostrando pouco autocontrole e pequena curiosidade em explorar o universo ao seu redor. Por último, crianças com pais democráticos tem tendência para serem mais satisfeitas, autoconfiantes, autoafirmativas, autocontroladoras e exploradoras, no período pré-escolar.

Em relação aos estilos parentais, é desenvolvido por Eleanor Maccoby e John Martin (1983 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013), um quarto modelo de parentalidade, que é o negligente ou omissa, referindo-se a pais que devido ao estresse ou a uma depressão, focam mais em si mesmos e em suas necessidades. Este modelo parental está muito relacionado com transtornos de comportamentos, que ocorrem durante a infância e a adolescência.

## 2.2.2 A parentalidade na atualidade

As famílias passaram por grandes mudanças nos últimos anos, inseridas em um contexto sociocultural onde não mais existe um padrão de funcionamento e configuração familiar, fazendo com que os membros desse grupo precisem ressignificar seus papéis dentro da realidade atual (SCHOLZ *et al.*, 2015, p. 15).

De acordo com Bernardino e Kupfer (2008 apud SCHOLZ *et al.*, 2015) para a criança, a família se trata de um alicerce sociocultural, isto é, é responsável por inserir a criança em seu contexto cultural, ajudando-a a entender a sua função simbólica, o que é essencial para o desenvolvimento psíquico da criança.

Tempos atrás a inserção social da criança era tardada, até o momento do ingresso as escolas, deste modo, essas crianças tinham a sua identidade e seu lugar diretamente referenciados à sua família. Já nos dias de hoje, devido as diversas mudanças, especialmente direcionados ao meio profissional e a falta de tempo que este proporciona, na maioria das vezes o dia a dia da criança é, desde muito cedo, acompanhado por profissionais. Sendo assim, o contato social tem se tornado cada vez mais precoce, fazendo com que a construção identitária aconteça de maneira mais ampla (SCHOLZ *et al.*, 2015).

A família carrega a responsabilidade pela história e pelo contexto no qual está inserida, e toda pessoa está imersa na cadeia transgeracional, desta forma, cada integrante de uma família é um sujeito participativo e responsável pela história de sua família e também pelo contexto no qual está inserido. Sendo assim, é inadequado considerar o sujeito isolado, na família, existe uma junção de vínculos, que abrange sujeitos interdependentes, que se comportam por influência de gerações antecedentes (SCHOLZ *et al.*, 2015 *apud* BERTIN; PASSOS, 2003).

Sabe-se que a criança estando inserida em sua família irá se identificar e se constituir como sujeito particular, com todas as suas singularidades, tendo sempre influência de gerações antecedentes a ela. Atualmente, surgiram dificuldades que trouxeram muitos desafios para cumprir os compromissos, tais como espaço sociais, cônjuge, família e ainda desempenhar os cuidados pessoais (SCHOLZ *et al.*, 2015).

Deste modo, a ausência dos pais no dia-a-dia doméstico e a disponibilidade diminuída na realização das tarefas relacionadas às crianças, podem gerar dificuldades na educação dos filhos, pois a autoridade, em conjunto com a responsabilidade da família em serem promotores de socializarem os seus filhos e passarem os valores culturais, são funções que estão sendo divididas com várias outras coisas, como a escola, televisão e a internet, ampliando assim, o meio de socialização, o que, no passado, era algo que pertencia, quase que de forma única, à família (SCHOLZ *et al.*, 2015).

Em relação às novas maneiras de parentalidade, é importante salientar, que, tempos atrás, o pai, dentro das famílias patriarcais, possuía maior poder sobre os demais integrantes da família. Entretanto, percebe-se que, por mais que predominasse o poder dos homens sobre as mulheres, sendo estas esposas e filhas, em relação ao filho homem, esse poder sempre foi mais reduzido. Atualmente, através das transformações sociais que ocorreram, principalmente com a inserção da mulher no mundo do trabalho, observamos que os pais dividem com as mães os afetos e cuidados direcionados aos filhos, desempenhando assim, um papel que anteriormente, era considerado algo mais maternalizante (AMAZONAS; BRAGA, 2006).

### **2.2.3 Influência das práticas parentais no desenvolvimento da empatia**

As práticas parentais também influenciam no desenvolvimento da empatia, que, é descrita por Denham (1998 *apud* JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014) como: “um elemento importante para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e melhora na qualidade das relações, pois motiva cuidados e comportamentos em prol de outro sujeito”.

Deste modo, o seu desenvolvimento apresenta-se como sendo um importante fator de proteção, que ajuda no combate de problemas de comportamento, além de ser essencial para o convívio em sociedade, pois favorece a compaixão, bondade e a tolerância, além de ser também um fator muito importante para o desenvolvimento infantil saudável. De forma geral, os elementos ambientais que possibilitam o desenvolvimento da empatia, relacionam-se a um contexto que proporciona à criança diversas possibilidades para experimentarem e demonstrarem suas emoções (MOTTA *et al*, 2006)

Filhos que tem pais autoritários, de acordo com um estudo realizado por Hastings *et al*. (2000 *apud* JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014) manifestam menos consideração pelo próximo. O estilo parental permissivo mostra-se ineficiente para o desenvolvimento de empatia em crianças desinibidas, contudo, não apresenta influência em crianças mais inibidas. Isto posto, percebe-se que o temperamento interfere na relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento da empatia. Por último, pais que utilizam do estilo parental democrático têm filhos com mais empatia, responsabilidade interpessoal e também com comportamento pró-social. Já que estes dão importância para a comunicação, resolução de situações conflituosas e expressão de sentimentos (JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014).

Deste modo, práticas parentais que levam ao desenvolvimento da empatia são aquelas em que a relação é baseada em carinho, expressão moderada de sentimentos, elogios e maneiras positivas para lidar com o sofrimento do filho. Sendo importante, então, a atenção dos pais na emoção ou no conflito da criança, incentivando-a a expressar seus sentimentos. Levando em conta essas práticas no geral, elas indicam um ambiente acolhedor para que as crianças sintam confiança para falarem sobre seus sentimentos, tendo também, um suporte para resolver os conflitos existentes. Sendo importante também para o desenvolvimento de conhecimento a respeito das suas emoções e tornando-se capazes de se colocarem no lugar do próximo (JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014; MOTTA *et al*, 2006).

## **2.3 Práticas parentais e gênero**

Ser homem ou mulher afeta a aparência das pessoas, o modo como elas movimentam o corpo e como trabalham, se vestem e se divertem. Influencia o que pensam de si próprias e o que os outros pensam delas. Todas essas características – e outras mais – estão incluídas na palavra gênero: o que significa ser homem ou mulher (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 218).

### **2.3.1 A família como transmissora transgeracional**

Sabe-se que a família é o primeiro sistema em que a criança adentra após o nascimento. O meio social primário influencia diretamente todos os demais contextos de vida da criança e seu desempenho em cada um deles, tendo em vista o seu forte papel modelador e caráter geracional. A família é responsável por passar adiante as tradições, valores, ideologias e papéis sociais que absorveram da geração anterior. “A transmissão transgeracional marca a experiência individual, relacional e social ao longo do ciclo vital. Afeta a promoção de bem-estar, ou seja, está diretamente ligada à qualidade de vida, à condição de saúde física e mental das pessoas” (DINIZ; RAMOS, 2015, p. 81).

Tendo em vista que cada geração reproduz novos conhecimentos e ideologias próprios de seu contexto histórico-social, a transmissão transgeracional passa a ser um processo descontínuo, marcado por momentos oscilantes de comparação, adaptação e modificação. As novas concepções introduzidas no meio familiar podem gerar impasses entre as gerações, mas também incentivam mudanças na configuração familiar e nas vivências da feminilidade e masculinidade (DINIZ; RAMOS, 2015).

Desde o final da década de 60, autores como Lederer e Jackson (1968, *apud* DINIZ; RAMOS, 2015), já postulavam que as dinâmicas relacionais e o exercício dos papéis femininos e masculinos têm seu arranjo já no seio familiar. Desde a Idade Média, os papéis de gênero foram artificialmente criados e designados à homens e mulheres. Assim, houve a divisão clara e rígida das atitudes, lugares, direitos e deveres esperados de cada um, o que, segundo os autores, impede a construção de relações familiares sadias.

### 2.3.2 Desigualdade de gênero e família

Joan Scott (2007, p. 12) postula que o “gênero é uma categoria útil de análise histórica”. Desde muito tempo, cristalizou-se a ideia da mulher como um ser pouco relevante para a sociedade no sentido intelectual, econômico, político e cultural. Seu valor era resumido à capacidade gestacional e cuidados domésticos. A crença nas diferenças inatas entre os sexos, principalmente no sentido cognitivo, contribuiu para a manutenção da posição subalterna da mulher, privada de liberdade e direitos e dependente afetiva e economicamente do homem (STREY, 2015).

O lugar das mulheres é o cotidiano. Os grandes eventos no mundo familiar, principalmente os que produzem traumas, não são escusas para que elas descumpram com as tarefas que, historicamente, são as suas. Esse papel, construído por gerações e gerações de mulheres, por meio daquilo que Bordieu (2003) chama de *hábitus*, passa a ser parte da ideia que a mulher tem de si mesma e que os demais esperam dela. Ambas as expectativas se reforçando mutuamente (STREY, 2015, p.20).

O início da quebra desse paradigma só começou depois que o movimento feminista passou a questionar pressupostos e defender o argumento de que não era a questão neurológica ou bioquímica inata que limitava o potencial das mulheres, mas sim a socialização. Com isso, revelaram a estereotipagem de gênero, desmascarando conceitos culturalmente construídos (ELIOT, 2013).

Judith Butler (1990), importante filósofa pós-estruturalista e uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo, aponta que a sociedade vive a cristalização de um modelo binário, com escopos bem definidos para cada gênero. Segundo ela, a sociedade institui normas intangíveis, em que a identidade é efeito das práticas discursivas, que reforçam um sistema de heterossexualidade (e cisgeneridade) compulsória. Isto é, o sujeito é compelido a repetir as normas pelas quais é produzido. A autora denomina tal atitude naturalizada como “performatividade”, pela qual o indivíduo “cria ou interpreta aquilo que nomeia, marcando assim o poder constitutivo ou produtivo do discurso” (BUTLER, 2018, p. 199)

Castro (2009) considera que apesar dos avanços conquistados pelas lutas sociais, o antigo sistema ainda repercute na contemporaneidade. A autora destaca o papel fundamental da família nuclear para a formação identitária, ainda influenciada por paradigmas patriarcais que fomentam desigualdades entre os sexos e valorizam o masculino em detrimento do feminino.

Resultados da pesquisa de mestrado de Denusa Ramos (2011) apontam que, de forma geral, a divisão de papéis entre homens e mulheres foi sendo flexibilizados ao longo das gerações, principalmente a partir da segunda e terceira geração analisadas. Contudo, ainda foram encontrados paradoxos entre o discurso e a postura dos familiares. Por exemplo, é consenso na família que todos devem trabalhar e contribuir com as despesas, mas o cuidado da casa ainda é, na maioria das vezes, delegado às mulheres. É importante ressaltar aqui a sobrecarga de papéis, física e emocionalmente prejudicial à mulher. Em relação ao tratamento dado aos filhos, em primeira instância, os pais negaram diferenças. Posteriormente, apesar da tentativa em oferecer apoio igualitário, reconheceram preferências e privilégios, principalmente para o primogênito homem. Nesse sentido, é fato que apesar dos papéis sociais estarem sendo lentamente flexibilizados, avançando para a igualdade de gênero, ainda há fortes representações de padrões familiares que perduram até os dias de hoje, destacando o embate entre novos e velhos modelos.

### **2.3.3 Gênero e desenvolvimento infantil**

Após a década de 70, algumas abordagens teóricas se dedicaram a explicar a aquisição dos papéis de gênero e a adoção dos estereótipos. Certas perspectivas mais biológicas e evolucionistas defendem as diferenças inatas entre os sexos. Outras sustentam a interveniência dos constructos psicossociais, defendendo a influência direta do meio familiar, social e cultural na aprendizagem e identidade de gênero. “A experiência na família parece reforçar as preferências e atitudes típicas do gênero” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 294).

Leonard Sax (2019), médico e psicólogo, defende diferenças biologicamente programadas entre os sexos, bem como a necessidade de criação de filhos de maneira diferente com base em seu gênero. Segundo ele meninos e meninas são diferentes, principalmente em relação às aptidões intelectuais, interesses, níveis de atividade, reações emocionais e formas de se relacionar. Eliot (2013) defende que, de fato, a diferença entre os sexos, em adultos, inegável. Contudo, por situarem-se numa época de busca pela igualdade de gênero, acredita-se que tais diferenças não sejam inatas, mas formadas socialmente.

De todas as características que uma criança traz para o mundo, ser homem ou mulher ainda é a que tem o maior impacto – sobre futuros relacionamentos, personalidade, habilidades, profissão, passatempos, saúde e inclusive o tipo de progenitor que a criança provavelmente será (ELIOT, 2013, p. 9).

A neurocientista destaca que o desenvolvimento físico e cognitivo entre meninos e meninas não apresentam diferenças significativas, enquanto bebês. As diferenças são pequenas e “bem menores do que o abismo que separa mulheres e homens adultos”. Refere que tais diferenças aumentam com o passar do tempo e conduzem a uma importante estatística, que influencia na forma de educar os filhos: meninos apresentam maior probabilidade de manifestar transtornos do neurodesenvolvimento, como autismo, TDAH ou dislexia. Já as meninas, estão mais dispostas aos transtornos emocionais, sofrendo com depressão, ansiedade e transtornos alimentares (ELIOT, 2013, p. 11).

Eliot (2013) postula que, querendo ou não, o gênero importa:

Por mais que tentemos tratá-los igualmente, os meninos e as meninas têm forças e fraquezas diferentes e enfrentam desafios bem diferentes em seu crescimento. Os meninos são mais vulneráveis no início da vida: eles amadurecem mais lentamente, adoecem com mais frequência e, ao ingressarem na escola, é menos provável que tenham dominado a linguagem, o autocontrole e as habilidades motoras finas necessárias (ELIOT, 2013, p. 12).

Entretanto, considerando a neuroplasticidade, na qual o cérebro infantil responde às suas experiências pela adaptação, Eliot (2013) ressalta que as diferenças de maior impacto, como as habilidades cognitivas e interpessoais, são essencialmente moldadas pela aprendizagem. Da mesma forma, a incorporação de características mentais femininas e masculinas pela criança, também provém da imersão cultural feminina ou masculina.

A neurocientista pontua que os genes e hormônios, de fato, influenciam nas diferenças entre meninos e meninas, conforme postula Sax (2019). Mas seria muito raso desconsiderar os fatores sociais, tais como a forma de falar com um filho homem e com uma filha mulher, de reagir aos seus comportamentos, de reforçar ou punir, de acordo com o que é esperado para cada sexo. Dessa forma, Eliot (2013) sugere que as diferenças mais insignificantes na infância aumentam no decorrer do tempo, ao passo que a família, escola e a cultura em geral reforçam, involuntariamente, estereótipos de gênero; e a criança já possui estruturas cognitivas para assimilar as experiências e expectativas sociais que lhes são impostas.

As comprovações de Sax (2019) quanto diferenças sexuais no cérebro de homens e mulheres advém de estudos com adultos. “Quem pode dizer que tais diferenças são causadas pela natureza e não pela aprendizagem?”. A questão é que os pais costumam acreditar que as diferenças entre meninos e meninas são muito maiores do que na realidade são (ELIOT, 2013, p. 18).

Papalia e Feldman (2013) afirmam que os pais começam a moldar a personalidade dos filhos e a ensinar os comportamentos culturalmente adequados para cada um desde muito cedo, dando início a um processo chamado de tipificação de gênero. As autoras afirmam que esse movimento é, normalmente, introduzido pelo pai, que tende a tratar os filhos meninos e meninas mais desigualmente do que a mãe. Destacam, ainda, que os pais costumam ser mais atenciosos com os filhos do mesmo sexo que o seu, sendo que o pai brinca mais fisicamente com os meninos e é mais sensível com as meninas. Entretanto, é preciso questionar tais estereótipos de gênero e analisar as práticas parentais por uma ótica transcultural, em que os comportamentos não são frutos filogenéticos, mas culturais.

As crianças reagem de acordo com o que acreditamos a respeito delas, e, quanto mais nos detivermos nas diferenças entre meninos e meninas, mais provável que esses estereótipos se cristalizem na autopercepção das crianças e em profecias autorrealizadoras (ELIOT, 2013, p. 24).

Papalia e Feldman (2013) apontam algumas construções sociais relacionadas à identidade de gênero que influenciam profundamente o comportamento infantil: os *Papéis de gênero* envolvem as atitudes, interesses e traços de personalidade culturalmente apropriados para homens e mulheres. Como por exemplo, espera-se que os homens sejam os provedores, enquanto as mulheres sejam cuidadoras da casa e dos filhos; já os *estereótipos de gênero* são generalizações e rotulações acerca dos sexos que reforçam os papéis.

No que concerne ao temperamento das crianças e suas dimensões, Bee e Boyd (2011) também postulam que os pais costumam pensar que o temperamento de meninos e meninas são mais distintos do que na realidade são, reforçando o papel dos estereótipos. Por exemplo, bebês

meninas tendem a reagir mais frente às expressões faciais, passando a ideia de são mais sensíveis emocionalmente do que os meninos. Contudo, a ciência evidencia que não há diferenças significativas entre os sexos em relação à afetividade e empatia (MELSON; PEET; SPARKS, 1991; ZAHN-WAXLER, *et al*, 1992 *apud* BEE; BOYD, 2011). Nesse sentido, as autoras destacam que essa percepção de diferenças de temperamento pelos pais pode influenciar suas respostas ao comportamento dos filhos e ser prejudicial às relações. Um exemplo disso são pais que podem ser mais afetuosos com uma menina tranquila, pois consideram seu comportamento apropriado ao sexo feminino.

[...] os pais tratam meninos e meninas de forma diferente desde muito cedo. Portanto, à medida que as crianças crescem, as diferenças de gênero no temperamento provavelmente são resultado tanto de suas características inatas como das expectativas dos padrões de respostas baseados no gênero exibidos por seus pais (BEE; BOYD, 2011, p. 295).

#### **2.3.4. O novo modelo familiar**

Sabe-se que a dinâmica parental é fortemente influenciada por determinantes sócio-histórico-culturais. A globalização e a ascensão da ideologia capitalista desencadearam transformações no mundo do trabalho contemporâneo, exigindo adaptações na configuração familiar e no desempenho de papéis sociais (parentais). Nesse contexto, o papel feminino constitui-se a mais notável mudança, tendo em vista que, o papel da mãe na criação dos filhos e a qualidade dessa relação logo na primeira infância é essencial para o desenvolvimento humano (BANDEIRA *et al.*, 2005 *apud* GOETZ; VIEIRA, 2009).

Considerando a questão de gênero na dinâmica familiar contemporânea, Negreiros e Féres-Carneiro (2004), apontam a coexistência do “antigo” e do “novo modelo” de família na sociedade vigente. O primeiro é caracterizado pela tradicionalidade e rigidez, enquanto o outro é marcado pela fluidez e busca de igualdade. As autoras destacam que a coincidência de paradigmas pode fomentar tensões identificatórias na assunção dos novos papéis de gênero.

“No ‘modelo novo’ de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação”, permitindo transformações na configuração familiar. Contudo, destaca-se a existência de diferenças entre homens e mulheres no que concerne às concepções e expectativas representadas pelo “novo modelo”, sendo que as mulheres demonstram ter assimilado e incorporado melhor os ideais igualitários, rompendo com padrões mais espontaneamente e promovendo mudanças mais significativas. Os homens, por outro lado, apresentam maior dificuldade de desvinculação aos valores

tradicionais, o que encarrega mulheres a problematização e ruptura de modelos desiguais (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 39).

Considerando a complexidade da dinâmica familiar atual, com o progressivo ingresso da mulher no mercado de trabalho, a flexibilização dos papéis sociais esperados para cada progenitor e a mudança nas configurações familiares, a função do pai e sua interação com os filhos também têm se tornado objeto de grande interesse na busca pela compreensão do sistema familiar e processos sociais mais amplos (GOETZ; VIEIRA, 2009).

Dessen e Braz (2000) debruçaram-se sobre o estudo do comportamento paterno ideal pela perspectiva da mulher - a mãe, e do homem – o pai. Os autores sugerem que, na visão da mãe, o pai é a principal fonte de apoio da família. Para o pai, o suporte econômico é o tipo de apoio mais relevante para o bem-estar dos filhos. Esses resultados apontam para uma divergência de valores, possivelmente relacionados aos papéis de gênero feminino e masculino. Concluiu-se que apesar da atual tendência à mudança nas concepções de gênero, as mulheres continuam priorizando um papel de cuidado físico e afetivo, ao passo que os homens valorizam o papel de provedor.

Partindo da abordagem ecossistêmica proposta por Bronfenbrenner (2002 *apud* GOETZ; VIEIRA, 2009) os autores buscaram compreender também como a própria criança percebe as práticas parentais de cuidado e as relações dentro do microsistema familiar, considerando as transformações sociais, culturais e econômicas atuais. Os resultados apontam diferença significativa entre a percepção real *versus* ideal paterna. Na visão da criança, para se aproximar do ideal, o pai real deve demonstrar mais presença no que concerne ao cuidado físico, incluindo higiene, alimentação, auxílio nas tarefas escolares, acompanhamento de medicação, atenção às necessidades de cuidado, orientação sobre regras de comportamento e demonstração de afeto. Esses resultados indicam que “o papel real do pai deve abranger mais cuidados diretos, indiretos e interações sociais instrutivas e calorosas, para que corresponda ao papel ideal que seus filhos lhe atribuem” (GOETZ; VIEIRA, 2009, p. 199).

Por outro lado, os resultados indicam que, embora haja uma percepção mais próxima entre a mãe real e a ideal, as crianças têm maiores expectativas maternas no que concerne à brincadeira, diversão e carinho. Tais conclusões indicam diferenças no desempenho dos papéis parentais, estando a mãe mais voltada para o cuidado físico; e o pai, para o auxílio econômico (GOETZ; VIEIRA, 2009).

Em conformidade com Goetz e Vieira (2009), em relação à orientação dos filhos e estabelecimento de regras de conduta, sabe-se que esse papel é mais frequentemente

desempenhado pela mãe, em condições reais. Contudo, as crianças esperam que o pai também execute mais o mesmo papel, reforçando a ideia de que o pai transmite uma visão mais educadora e de autoridade pelos filhos.

As crianças atribuem semelhanças nesses aspectos de cuidado e interação parentais, com expectativas altas em relação a ambos. Esses resultados são indicativos de que, na expectativa ideal dos filhos, ambos os pais deveriam compartilhar as tarefas parentais, estando mais presentes no cuidado e na interação (GOETZ; VIEIRA, 2009, p. 201).

### **3 JUSTIFICATIVA**

Na época atual, é vasta a literatura da psicologia envolvendo as práticas educativas e estilos parentais, especialmente no que concerne às relações com o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental dos filhos. Contudo, ainda são escassos os estudos abrangendo ou correlacionando o gênero dos filhos sobre as práticas parentais no sistema familiar.

O tema ainda é delicado e controverso dentro da literatura, tendo em vista as diversas variáveis socioculturais e econômicas implicadas, além dos conhecimentos neurológicos e bioquímicos já pontuados. As pesquisas pouco consistentes, destacam a necessidade de mais estudo, discussão e fortalecimento de dados, principalmente em âmbito nacional, visando operacionalizar o trabalho do psicólogo em seus diversos contextos de atuação, gerando conhecimento concreto para que pais e profissionais da educação possam auxiliar seus filhos e alunos a atingir seu pleno potencial e romper com paradigmas de gênero que atualmente divide a sociedade.

## **4 OBJETIVOS**

Neste item serão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa, a fim de estabelecer metas a serem alcançadas ao final do estudo.

### **4.1 Objetivo geral**

O objetivo deste trabalho será compreender as práticas parentais envolvendo condutas educativas e disponibilização de recursos afetivos e práticos, considerando o gênero de pais e filhos.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Compreender se o gênero e a ordem de nascimento se relacionam com as práticas parentais educativas.
- Entender se há maior identificação dos pais com um dos filhos.
- Compreender o investimento de recursos familiares (afetivos, sociais, financeiros, dentre outros) de acordo com a ordem de nascimento e gênero de cada filho.
- Compreender a percepção dos pais acerca dos aspectos emocionais e comportamentais dos filhos e descrever suas diferenças em meninos e em meninas, a partir das práticas parentais a que foram submetidos.
- Compreender as mudanças geracionais relacionadas ao gênero e a criação

## 5 MÉTODO

Esta seção apresentará o percurso metodológico do estudo com intuito de detalhar a maneira como o estudo foi realizado.

### 5.1 Delineamento

Este é um estudo de campo, exploratório, qualitativo e de natureza aplicada. A pesquisa de campo, segundo Lakatos e Marconi (2003), busca investigar e obter informações sobre um problema ou situação, com objetivo de adquirir respostas ou contingências sobre determinado fenômeno. Isto posto, a imersão à campo consiste na observação holística dos acontecimentos no ambiente através de aspectos explícitos e implícitos, a fim de obter a compreensão e reflexão do participante vinculados ao problema de pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Em conformidade, no contexto exploratório, esta pesquisa possui a finalidade de “desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 187).

O estudo qualitativo tem o propósito de analisar, compreender e retratar com mais profundidade o objeto de estudo, mantendo a coerência através de seu procedimento (MASCARENHAS, 2012). Dessa forma, o estudo qualitativo é caracterizado como *interpretativo*, pois visa fincar no conhecimento pautado no significado das relações e suas diferentes ópticas; *experencial*, já que se embasa em um material empírico e na vivência dos participantes; *situacional*, observando a característica local de determinado contexto sem se apresentar de forma redutiva; e *personalístico*, analisando de forma empática a compreensão singular e individual do sujeito (STAKE R. E., 2011).

Vale ressaltar que a natureza aplicada da pesquisa implica na prática da ciência afim de proporcionar conhecimento, e sua abordagem qualitativa não funcionou de maneira generalista, centrando-se em dados pré-definidos; mas, analisou as “descrições individuais e as conexões causais objetivas pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas”, considerando as habilidades e intuições do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 1989, p.24).

### 5.2 Participantes

Foram convidados a participar voluntariamente dessa pesquisa, segundo critérios éticos e TCLE (APÊNDICE A), dez pessoas que foram selecionados através do método bola de neve, sendo estes participantes homens e mulheres, que estavam legalmente casados ou não, porém, que tinham dois (ou mais) filhos juntos de diferentes sexos, até 12 anos.

Os participantes foram caracterizados da seguinte forma:

**Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes**

<b>Participante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Etnia</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Filhos</b>
P1	F	46	B	Superior Completo	Assistente Jurídica	2 (Menina 11 anos; Menino 7 anos)
P2	M	47	B	Superior Completo	Consultor em gestão de negócios	2 (Menina 11 anos; Menino 7 anos)
P3	F	45	B	Superior Completo	Supervisora de <i>call center</i>	2 (6 anos Gêmeos)
P4	M	53	B	Superior Completo	Assessor da câmara municipal	2 (6 anos Gêmeos)
P5	F	42	B	Superior Completo	Fonoaudióloga	2 (Menina 11 anos; Menino 2 anos)
P6	M	48	P	Superior Completo	Advogado	2 (Menina 11 anos; Menino 2 anos)

P7	F	33	B	Fundamental Incompleto	Desempregada	3 (Meninas 9 e 11 anos; Menino 7 anos)
P8	M	51	B	Fundamental Completo	Soldador	3 (Meninas 9 e 11 anos; Menino 7 anos)
P9	F	35	B	Superior Completo	Psicóloga	2 (1 ano e 9 meses)
P10	M	38	B	Superior Completo	Bancário	2 (1 ano e 9 meses)

**Fonte:** Elaborado pelas autoras

**Legenda:** M: Masculino; F: Feminino; B: Branca; P: Parda.

**Critério de inclusão:** os participantes são casais heterossexuais, legalmente casados ou não, que possuem dois ou mais filhos de sexos diferentes, com idades entre 0 e 12 anos (primeira à terceira infância).

**Critério de exclusão:** casais homossexuais, casais que não tenham filhos, ou que os filhos são maiores de 12 anos ou do mesmo sexo.

### 5.3 Local

As entrevistas foram realizadas através da plataforma Google Meet, para manter a segurança dos participantes e dos pesquisadores, devido a pandemia causada pela COVID-19. Deste modo, os participantes escolheram um local que se sentiam confortáveis para responder

as questões. Já os pesquisadores escolheram um ambiente que respeitava a privacidade e o sigilo dos colaboradores da pesquisa.

#### **5.4 Instrumentos e materiais**

Um dos instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento que assegura os participantes em relação ao sigilo e a utilização dos resultados para fins didáticos. As assinaturas foram realizadas por meio de plataforma online.

Outro instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE B), abrangendo perguntas referentes ao conteúdo desta pesquisa, que foi mediada pela tecnologia. Este roteiro conteve perguntas a respeito da percepção dos pais em relação as suas condutas educativas direcionadas aos filhos, se estes ditam regras ou combinados, como estabelecem limites, sobre o que eles esperam que seus filhos sejam capazes de desempenhar futuramente e se percebem diferenças em relação as suas práticas parentais direcionadas para o filho ou a filha.

Os materiais utilizados para a realização da coleta de dados foram celulares ou computadores.

#### **5.5 Procedimentos**

A seguir será retratado os processos teórico-técnicos empregados para a coleta e análise dos dados e que conduziram aos resultados.

##### **5.5.1 Coleta de dados**

O Projeto de Pesquisa foi submetido à análise e validação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá, através da Plataforma Brasil (Parecer 4.764.552). Em seguida, os participantes foram contatados para realização do estudo.

A delimitação da amostra se deu por meio do método “bola de neve” (*amostras em cadeia ou por redes*), consistindo na identificação de participantes-chave, isto é, aqueles com perfil compatível com os requisitados pelo critério de inclusão da pesquisa. A partir disso, solicitou-se que esses indivíduos indicassem outras pessoas em seu ciclo de convivência que

também possuíam as características esperadas para o estudo e assim, consecutivamente (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013).

Foi realizado um contato inicial com os participantes, visando esclarecer os objetivos da pesquisa e analisar o perfil do participante em concordância com os critérios de seleção. Em seguida, de acordo com a disponibilidade dos participantes e das pesquisadoras, foi agendado um encontro virtual, por meio da plataforma de videochamada Google Meet, para a realização da entrevista. Anterior ao início da entrevista, foi enviado aos participantes duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) para assinatura e esclarecimento dos direitos e liberdades, riscos e benefícios do estudo, ficando uma via sob posse do participante e outra das pesquisadoras. A entrevista teve tempo de duração de aproximadamente 60 minutos e não houve devolutivas ao participante.

### **5.5.2 Análise de dados**

A avaliação crítica dos dados colhidos pelas entrevistas se deu por meio do Método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, dividida em três partes: Pré-Análise, Exploração do Material e Tratamento dos Resultados. A primeira fase consistiu no planejamento e organização do trabalho, envolvendo a sistematização das ideias iniciais, formulação de hipóteses, objetivos e determinação de programas de interpretação flexíveis, para operacionalizar um esquema de análise. A segunda fase implicou a análise propriamente dita, em que houve aplicação dos procedimentos previamente definidos, codificação, decomposição e enumeração do material. A terceira e última fase incluiu a interpretação dos resultados brutos (BARDIN, 2016).

### **5.6 Considerações éticas**

Em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012, todo e qualquer tipo de pesquisa realizada com seres humanos deve atender às condições de respeito à dignidade, autonomia, liberdade, beneficência e não maleficência, justiça e equidade dos participantes. Para assegurar os direitos e liberdades do participante foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), para explicar os objetivos do estudo, delineamento, procedimentos, sigilo e participação voluntária, benefícios, possíveis riscos e proteção ao participante (BRASIL, 2012).

Os riscos previstos envolvendo os participantes foram mínimos, relacionados a possibilidade de constrangimento ou desconforto emocional ao responder questões que pudessem suscitar emoções negativas. Caso isso ocorresse, os voluntários deveriam entrar em contato e informar às pesquisadoras, para que elas pudessem prestar esclarecimentos, suporte emocional, orientações sobre os sentimentos mobilizados, além de realizarem encaminhamentos, caso necessário. Os benefícios diretos ao participante incluíram expressão de sentimentos, vivências e reflexão sobre o tema; e desenvolvimento de práticas mais funcionais. Indiretamente, houve ampliação de conhecimentos e compreensões sobre o tema, favorecendo o acesso aos resultados por profissionais que trabalham relações sociais e famílias que buscam desenvolver suas práticas parentais.

A pesquisa teve cunho qualitativo, fundamentada em entrevistas abertas, nas quais as informações coletadas foram divulgadas sem que houvesse identificação do participante. Sua participação foi voluntária e não envolveu investimento financeiro

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das dez entrevistas realizadas revelou nove categorias e 34 subcategorias, organizadas na tabela abaixo:

**Quadro 2 - Descrição das categorias e subcategorias de análise das entrevistas dos casais**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
6.1 Práticas desenvolvidas pela geração anterior (família de origem)	6.1.1 Gênero dos irmãos 6.1.2 Estilos parentais 6.1.3 Influência transgeracional 6.1.4 Transformações socioculturais
6.2 Percepção sobre personalidade e cuidado	6.2.1 Gênero masculino 6.2.2 Gênero feminino 6.2.3 Dificuldades/ diferenças de cuidado 6.2.4 Necessidade de atenção especial para um dos filhos 6.2.5 Estereotipificação de gênero 6.2.6 Autoavaliação de práticas
6.3 Ordem de nascimento dos filhos	6.3.1 Menino mais novo/ Menina mais velha 6.3.2 Gêmeos
6.4 Percepção sobre a participação do parceiro nos cuidados	6.4.1 Divisão de tarefas 6.4.2 Autoridade 6.4.3 Desempenho afetivo
6.5 Delimitação de tarefas aos filhos	6.5.1 Tarefas domésticas/ escolares 6.5.2 Tarefas “esperadas” para os gêneros
6.6 Estabelecimento de limites	6.6.1 Flexibilidade 6.6.2 Estado civil dos pais 6.6.3 Personalidade dos filhos 6.6.4 Estilo parental 6.6.5 Esclarecimento de regras
6.7 Expectativa sobre o futuro dos filhos	6.7.1 Papel social 6.7.2 Papel profissional 6.7.3 Papel cultural 6.7.4 Papel parental

6.8 Aprimoramento de práticas	6.8.1 Qualidade de tempo 6.8.2 Assertividade 6.8.3 Afetividade 6.8.4 Desenvolvimento, saúde e pandemia
6.9 Identificação específica com determinado gênero	6.9.1 Personalidade próxima a dos pais 6.9.2 Percepção (filhos) – diferenças afetivas 6.9.3 Comportamento facilitador 6.9.4 Feedback positivo dos filhos

Fonte: Elaborado pelas autoras

A seguir será a discussão dos dados nas categorias e subcategorias apresentadas.

### 6.1 Práticas desenvolvidas pela geração anterior (família de origem dos pais)

Nesta categoria, a partir da pré-análise (BARDIN, 2016) do material coletado, foram identificadas quatro subcategorias a serem estudadas: Gênero dos irmãos; Estilos parentais; Influência transgeracional; e Transformações socioculturais.

#### 6.1.1 Gênero dos irmãos

Em relação às entrevistas das mães, nenhuma participante relatou percepção significativa das diferenças de criação e nível de exigência entre os irmãos, mesmo que convivesse com irmãos de diferentes gêneros. Pelo viés das mulheres, diferenças nas divisões de tarefas eram encaradas com normalidade, passando de forma encoberta. P1 traz a ideia da responsabilidade de ajudar os pais nas tarefas, desde muito cedo.

Considerando as diferenças etárias, P1 e P7 afirmaram que tinham responsabilidade docuidado dos irmãos homens, ainda muito pequenos para que fossem observadas exigências direcionadas. P1 ressalta:

*As irmãs ficavam responsáveis pelo irmão. A gente ajudava também no restaurante, cada uma tinha seu horário estabelecido pra ajudar. Eu que era menor, tinha 7 anos, ajudava recolhendo a louça da mesa, lavava uma coisa ou outra que era de alumínio, aço... a gente colocava engradado de refrigerante pra alcançar a pia (sic).*

P7 também observa:

*Com 8 anos eu já ajudava minha mãe a limpar casa, já fazia comida, lavava louça, cuidava dos meus irmãos...e eu tento passar pra elas também, que é responsabilidade. A gente não pode fugir, entendeu? A gente tem que ensinar a responsabilidade. Então*

*eu falo pra elas, elas me ajudam. Se for preciso cuidar do J. elas me ajudam (sic).*

Ambas não referiram percepções de diferenças afetivas e nos níveis de exigência entre irmãos:

*Eu nunca cheguei a observar isso, nós trabalhamos a adolescência inteira, desde a infância mesmo e pra nós era normal, era a educação que os pais podiam dar, de estar acompanhando, de estar perto...até hoje tem muita gente que fala que não pode colocar criança pra executar nenhum trabalho, que trabalho infantil é proibido, mas nós nunca vimos dessa forma (sic).*

Esses dados apontam para as antigas práticas de maturação precoce da mulher e a criação já direcionada para o cuidado com o próximo e serviço doméstico, padrões tão internalizados socialmente chegando à naturalidade. Tais dados convergem com o proposto por Stray (2015, p.20), em que a mulher nunca pôde descumprir com as tarefas que, historicamente, eram suas. Esse papel foi construído e transmitido por diversas gerações de mulheres, através do *hábitus*, e passou a ser parte da crença que a mulher carrega sobre si mesma e sobre as expectativas sociais. Ambas se reforçando mutuamente.

Já no tocante ao grupo dos homens, percepções sobre diferenças de criação, expectativas e níveis de exigências entre os irmãos de diferentes sexos foram mais frequentemente observadas, principalmente em relação à serviço doméstico e cuidado com os irmãos. Como pontuado por Stray (2015), durante muito tempo, o lugar das mulheres foi o cotidiano, visto a ideia cristalizada socialmente de que seu valor se dava mais pela capacidade de cuidado ao outro, seja doméstico ou familiar. P2 destaca: “*Na minha família era o padrão, né? O homem tem que trabalhar cedo, ser provedor e a mulher vai casar, cuidar dos filhos e cuidar da casa (sic)*”. P10 também reconhece: “*Lá na minha casa, por exemplo, lavar louça, minha mãe não exigia que eu lavasse a louça, mas exigia da minha irmã, mas isso eu olho e acho muito injusto, mas isso era no passado, né? A cultura que era naquele momento (sic)*”.

Na família de P8, não houve percepção de diferenças de criação, pois:

*Na verdade, a menina veio por último. Então, são quatro homens. Os quatro ajudavam minha mãe. Assim, falar que ela colocava a gente pra fazer alguma coisa não, mas a gente ajudava. Os quatro. Aí depois veio a menina, eu já tava até trabalhando quando ela veio. Então não vi diferença nem preferência não (sic).*

Participantes com irmãos do mesmo sexo ou com melhor condição econômica pareceram não notar diferenças relacionadas aos gêneros e às exigências parentais, pois contavam com serviços domésticos terceirizados, o que se observa na fala de P10:

*Minha sogra colocava minha cunhada pra lavar louça e o D. ficava deitado no sofá. Ele fala: 'Nossa, N. eu achava um absurdo eu estar deitado lá enquanto minha irmã lavava louça, mas eu adorava também'. Mas lá em casa, como eram duas meninas e, sinceramente, a gente nunca fazia nada. Sério, a gente nunca fazia nada (sic).*

P10 ainda refere: *“Na minha criação faltou um pouco disso. Eu não costumava organizar minhas coisas, era sempre minha mãe ou a funcionária que organizava (sic).* Considerando a organização social da diferença sexual, ainda vale ressaltar a feminilização da profissão doméstica. Portanto, é necessário estudar o gênero como uma categoria importante de análise histórica, que produz significados culturais e temporais, como defende Joan Scott (1994).

### 6.1.2 Estilos parentais

No que diz respeito às características parentais às quais estiveram sujeitos durante a infância, todos os participantes pontuaram que a família de origem era considerada “tradicional”, “conservadora” ou “padrão”, isto é, com estilos parentais característicos de autoritarismo, que segundo Papalia e Feldman (2013), são marcados por rigidez de obediência; e pouco acolhimento emocional, assertividade e validação. P10 reconhece: *“naquela época minha mãe era dona de casa, meu pai trabalhando...minha mãe acabou ficando frustrada na parte profissional, né? Isso é complicado. Ela gritava bastante. Na época também a educação era por agressão” (sic).*

Nas entrevistas, a geração anterior também foi bastante caracterizada pelo diálogo pouco desenvolvido e práticas punitivas. Segundo P1: *“Por um olhar a gente já sabia se podia rir ou não. E não participava do meio dos adultos. Quando tinha visita em casa, a gente tinha que se esconder, não participava igual eles participam hoje” (sic).* Além disso, *“Os pais não conversavam muito com a gente, não explicavam nada. Era ‘não’ e não tinha fundamentação. Se questionasse, apanhava” (sic).*

P4 e P8 referem a mesma situação: *“Na minha época não tinha muita conversa, era ‘não’ e ponto. Então era assim, a comida é essa. Vai comer isso. Se não quiser comer você não come” (sic).* *“Antigamente, tinha aquele negócio de bater demais. A cobrança era mais no chinelo e na cinta, inclusive até na escola acontecia isso” (sic).*

Na geração anterior, também se observou maior controle educativo exercido mais frequentemente pela mãe, o que se observa na fala de P5:

*A minha mãe que resolvia mais as coisas, porque meu pai trabalhava o dia todo. Então era minha mãe que ficava mais com os cuidados nosso da educação. Minha mãe, era tudo ela que falava o que ia fazer. ‘Ah posso ir na casa de fulano?’, era só*

*com a minha mãe. ‘Óh, posso fazer isso?’, era só com a minha mãe (sic).*

Da mesma forma, P6 afirma: *“Eu percebo que, claro que meu pai estava lá, mas a criação em si era na maior parte pela mãe. A mãe que ia na reunião da escola, levava no médico, tudo era a mãe. O pai trabalhava pra por dinheiro em casa. Chegava cansado, descansava...”(sic).* As falas seguem em conformidade com Amazonas e Braga (2006), que embora o poder do pai predominasse na família, os afetos e cuidados direcionados aos filhos era um papel feminino.

Famílias com maior condição socioeconômica (P3 e P9) pareciam ser mais flexíveis no que concerne à realização de tarefas domésticas e trabalho.

### 6.1.3 Influência Transgeracional

Scholz, *et al.* (2015) pontuaram que: As famílias passaram por grandes mudanças nos últimos anos, [...] fazendo com que os membros desse grupo precisem ressignificar seus papéis dentro da realidade atual. Na análise de dados, notou-se que a família contemporânea, principalmente aquela com maior nível de instrução, tem maior capacidade crítica frente as práticas parentais inadequadas, às quais foram submetidos em sua própria criação. Atualmente, os pais tentam, com maior frequência, filtrar as práticas parentais da geração anterior mais positivas para serem repassadas para os filhos, principalmente no que concerne à transmissão de valores humanos.

P5 revelou que busca transmitir para os filhos as tradições familiares e o respeito aos mais velhos:

*[...] a importância da família, de obedecer a pai e mãe... a gente mantém as tradições de família, então, na hora de almoço senta junto pra comer, acho que a gente tenta manter algumas tradições e não somos tão liberais em alguns pontos. Acho que a gente tem que rever e mudar de acordo com a necessidade. A questão de dar benção, ‘benção mãe, benção pai, benção vô...’. Essas questões assim, de educação, família, limite, isso aí a gente tenta manter do que era (sic).*

Assim como P4:

*O que eu procuro sempre transmitir pra eles é o modelo, estar perto, estar junto. Eu não tive isso. Com relação aos métodos do meu núcleo familiar especificamente, algumas coisas eu sinto que eu reproduzo, como essa questão do respeito aos mais velhos, mas eu não faço com eles exatamente o que faziam comigo (sic).*

P8 já busca identificar padrões disfuncionais antigos para não os repetir:

*Com a criação que eu tive, a gente procura passar alguma coisa pra eles, né? Algumas coisas a gente aprende com o passado. Então a gente procura passar as coisas boas, né? A gente acaba passando sim a criação da gente pro modo como a gente cria, mas a gente tenta melhorar o que pode, né? as coisas que eu achava errado*

*na época (sic).*

P10 também cita os “traumas (sic)” de sua geração: *“da criação que eu tive, eu quero aproveitar o que foi muito bom pra mim, quero replicar com meus filhos, mas assim, principalmente agora, nesse primeiro momento, a gente tá focando no que a gente não quer repetir (sic)”*.

*Meus pais sempre me apoiaram bastante nas minhas decisões, sempre me deram bastante amor, carinho, não pouparam esforços para educação, então isso é muito bom. Agora a parte de agressão física... não apanhei tanto assim, mas apanhei. Mas principalmente a agressão de gritos é uma coisa que eu não quero replicar. A educação é bem diferente por conta da maturidade e também o acesso à informação que a gente teve durante todo esse tempo (sic)*

P7 e P9 destacaram: *“A gente dá pros nossos filhos aquilo que a gente sentiu falta na nossa criação (sic)”*. Ainda assim, a mãe com baixa escolaridade (P7) reproduz grande parte das práticas as quais foi submetida na infância, como as condutas punitivas autoritárias e pouco diálogo. *“A gente sempre repete. Não adianta falar que não. A gente sempre repete. Que nemo fato de gritar, que eu te falei que eu grito muito” (sic)*.

Portanto, pode-se observar que o maior acesso à informação da sociedade contemporânea afeta positivamente o senso crítico dos pais, em relação à criação dos filhos. Assim como afirma Diniz e Ramos (2015), cada geração reproduz novos conhecimentos e ideologias próprios de seu contexto histórico-social, logo, a transmissão transgeracional é um processo descontínuo, marcado por momentos oscilantes de comparação, adaptação e modificação.

Com exceção de P7, foi unânime a influência dos pais no incentivo ao estudo e à busca de independência, já iniciando a flexibilização dos comportamentos esperados para o gênero feminino. Contudo, vale destacar que, embora já houvesse a ideia de que todos devem trabalhar e contribuir com as despesas de casa, o serviço doméstico e o cuidado da família ainda era, na maioria das vezes, delegado às mulheres, ressaltando a sobrecarga de papéis femininos (RAMOS, 2011).

#### **6.1.4 Transformações socioculturais**

A partir da análise dos dados, constatou-se que todos os casais observam necessidade de mudanças nas práticas parentais frente às transformações sociais, principalmente em relação à atenção dada à questão socioemocional infantil e a assertividade. A família com maior acesso à informação busca respostas de como criar os filhos de forma mais saudável,

aprendendo sobre os efeitos deletérios da punição, como corrigir de forma educativa e fortalecer o vínculo afetivo com a criança, a partir do incentivo à abertura emocional, validação e acolhimento. P1 relata: *“Ah, os meus pais não conversavam muito com a gente. Não é igual hoje que a gente explica, a gente conversa, a gente vê chateado e pergunta”* (sic).

P2 e P10 trazem a questão da diferença entre os próprios níveis de maturidade e o dos pais, ao terem filhos. Conforme P2:

*A minha geração e a geração dos meus pais têm muita distância, né? Por exemplo, a minha irmã mais velha é 21 anos mais velha do que eu. Eu e a I. já casamos mais maduros, então existe uma diferença de gerações entre meus pais e a minha. Eu tive uma educação formal que meus pais não tiveram. Antes, os pais tinham muitos filhos, então imagina 8 pratinhos girando. A atenção para com os filhos deles foi muito menor. Não que não tinha amor, carinho...é que o tempo disponível pra dedicar aos filhos era pouco* (sic).

Em relação à cultura punitiva, P10 refere:

*Eu e a N. estamos muito mais preparados do que meus pais estavam quando eu nasci, as crianças nasceram eu tinha 37 anos, enquanto meu pai foi pai com 24 anos, não tinha maturidade nenhuma pra pensar em como criar meus filhos. A maturidade de você saber controlar, porque poxa, o principal ponto que é a falta de sono, mexe com seu humor, mexe com tudo. Tem momentos que você tá com raiva mesmo da criança, mas você tem que ter consciência que eles não têm culpa de nada, então é sua responsabilidade se controlar e saber lidar com a situação* (sic).

Interagindo com Ramos (2011), também é possível notar que, apesar da geração anterior já incentivar vida profissional, ainda eram encontrados paradoxos entre o discurso e a postura dos familiares, visto que a mulher era preparada para equilibrar o trabalho com vida doméstica. *“Fazia até enxoval. O importante era casar e ter filhos”* (sic).

Atualmente, mudanças de perspectiva para o futuro dos filhos são observadas. Segundo P1, *“agora tá tendo uma revolução aí. Ainda a sociedade cobra muito, mas acho que as pessoas já se defendem agora, sem ter que dar muita explicação”* (sic). Na sociedade contemporânea, famílias prezam pela liberdade de escolha e autoresponsabilização dos filhos pelo futuro.

Em relação à presença parental, durante muito tempo, as mães eram as principais responsáveis pela saúde e educação dos filhos. Atualmente, observa-se que, de forma geral, os pais estão participando mais da vida dos filhos. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, a educação das crianças passou a ser da responsabilidade de toda a família, havendo maior divisão de tarefas entre os progenitores, assim como afirma P6: *“E hoje os pais estão mais presentes do que eram os nossos pais, o pai tem um papel bem importante na criação,*

*e a mãe também trabalha hoje. A mãe exerce o papel de empreendedor também. Então assim, o casal eles têm que se ajudar” (sic).*

Algumas famílias ainda necessitam terceirizar parcialmente o cuidado dos filhos à babá. Ainda assim, os pais se mantêm consistentes quanto às regras, supervisionam o comportamento das crianças por meios eletrônicos e prezam por tempo de qualidade, quando junto aos filhos, incentivando o diálogo e a interação emocional. Contudo, ainda não se sabe os efeitos a longo prazo da ausência dos pais no cotidiano doméstico. De acordo com Scholz *et al.* (2015), a educação dos filhos pode ser prejudicada, pois a autoridade, a promoção da socialização e a transmissão de valores culturais estão sendo divididas em diversos níveis de atenção à criança, como a escola, a televisão e a internet. De forma contrária, a educação da criança pode ser mais ampliada e crítica.

Em relação à capacidade crítica dos pais, antigos modelos ainda reverberam, principalmente no casal P3 e P4 quanto à estereotipificação de gênero: *“Tem umas coisas que eu já estou habituada a fazer e aí vai muito no automático” (sic)*. Nesse quesito, a mãe, apesar de reproduzir ideologias de gênero antiquadas, já começa a questionar certos padrões.

P6 traz a mudança nas concepções acerca do serviço doméstico:

*Vou te citar um exemplo que aconteceu comigo. Eu gostava de ajudar minha mãe a lavar a louça. Depois que meu pai viu, ele proibiu, porque lavar louça era coisa de menina. E minha mãe não deixou mais. Mas assim, uma coisa mais nada a ver né. Então pra você ver como que era. A gente quando casa tem que ajudar também, então já começa por aí. É isso que muda né, de uma geração pra outra (sic).*

P6 e P9 percebem ocorrência de práticas preconceituosas na geração dos pais. P6 elucida: *“É lógico que mudou muita coisa. Não era difícil você ver alguma coisa que envolve racismo, preconceito...que pra eles era normal, mas que hoje não cabe mais. Hoje a gente trabalha mais a mente. Não dá pra tratar algumas questões de forma desigual” (sic).*

P9 completa:

*A gente tem uma cabeça mais livre. Então, eu acho que a gente se preocupa mais em quebrar preconceitos, a gente se preocupa em não ficar ‘ah, a bonequinha é da menina, o carrinho do menino’, acho que a gente tem mais consciência. Não que a gente consiga já romper, mas a gente tá um pouco mais engajado nessas causas (sic).*

Um exemplo de confronto de ideias entre a geração atual e a geração anterior pode ser identificado na seguinte fala de P3:

*Não é uma situação fácil essa, mas eu tento instruir, porque eles vão ver isso, pessoas que se vestem diferentes, né? Eu tenho uma sobrinha que ela fala: ‘Mas porque você falou isso? As pessoas são iguais, mas cada uma tem seu jeito. O que que tem se ela gosta de menina? E ele de menino? Você não pode falar essas coisas’. Porque as vezes eu falo ‘tinha que ser gay’, aí ela me puxa a orelha, ela tem quatorze anos e me puxa a orelha (sic).*

Com isso, confirma-se a proposta de Ramos (2011) e Negreiros e Féres-Carneiro (2004), que apontam a coexistência do “antigo” e do “novo modelo” de família na sociedade vigente de que embora os papéis sociais estejam sendo lentamente flexibilizados, avançando para a igualdade de gênero, ainda há fortes representações de padrões familiares que perduram até os dias de hoje, destacando o embate entre novos e velhos modelos.

Por fim, muitos casais levantaram o tema da tecnologia e a sociedade da informação em que se vive nos dias de hoje, que dificulta o controle dos pais sobre os conteúdos acessados e prejudica a socialização e desenvolvimento da criança. Por outro lado, sair para brincar nas ruas, comum nas gerações anteriores, está se tornando cada vez mais inviável, tendo em vista o aumento na violência urbana. Isso requer que os pais tenham criatividade para criar entretenimentos de qualidade para os filhos, dentro de casa. Mas, é importante ressaltar os entraves gerados pelo mundo de pessoas cansadas, ocupadas e que vivem com pressa.

## **6.2 Percepção sobre a personalidade e cuidado dos filhos**

A partir da análise desta área temática, seis subcategorias se destacaram: Gênero masculino; Gênero feminino; Dificuldades/ diferenças de cuidado; Necessidade de atenção especial para um dos filhos; Estereotipificação de gênero; e Autoavaliação de práticas.

### **6.2.1 Gênero masculino**

Papalia e Feldman (2013) propõe que os pais tendem a superestimar diferenças de gênero. Em comparação das entrevistas, de forma geral, observou-se que os meninos são descritos pelas mães como sendo mais calmos, carinhosos, extrovertidos, expressivos, sociáveis, expansivos afetivamente, mais apegados e dependentes da mãe, dão feedbacks positivos com mais frequência e manifestam menos insatisfação. Nota-se que as características pontuadas pelas mães refletem percepções cristalizadas do menino mais manhoso, que necessitam de mais atenção por parte dos pais para se desenvolverem plenamente.

Já em relação ao grupo dos homens, mantendo a ideia da maior expansividade afetiva e expressividade emocional, os filhos meninos foram descritos como mais fortes fisicamente, enérgicos, ansiosos e ativos. Também são mais carentes e buscam atenção dos pais com maior frequência. Nos dois grupos, o sexo masculino também foi descrito como sendo mais questionadores, mais resistentes à comandos e com maior energia de enfrentamento, exigindo

maior esforço dos pais, em relação ao cumprimento de tarefas. Também demonstram mais dificuldade em tolerar frustrações.

### 6.2.2 Gênero Feminino

Em contrapartida, nos dois grupos, o sexo feminino foi mais frequentemente descrito como mais forte emocionalmente, independente, genioso, manipulador, rígido, diretivo, autossuficiente, tolerante, complacente, melhor desenvolvido cognitiva e emocionalmente, mais paciente, menos ativo fisicamente e mais intrusivo afetivamente. Os pais também relataram melhor empenho nos estudos por parte das meninas.

Eliot (2013) pontua que, de fato, meninos e meninas são diferentes, principalmente em relação à interesses, níveis de atividade, reações emocionais e formas de se relacionar. Todavia, acredita-se que tais diferenças podem ser formadas socialmente, ao passo que a família interage com os comportamentos dos filhos de formas também diferentes podem acabar reforçando, involuntariamente, estereótipos de gênero. Bee e Boyd (2011) ainda ressaltam que essa influência das crenças em torno das diferenças de gênero e personalidade nas respostas dos pais ao comportamento dos filhos pode ser prejudicial às relações.

### 6.2.3 Dificuldades/diferenças de cuidado

Assim como pontua Eliot (2013), P3 afirma que, por homens e mulheres serem diferentes, *“eu tinha muito medo de ter um filho homem, por não saber como lidar. Eu pensava: ‘meu deus, como vou ter filho homem, eu tô só acostumada com mulher [mãe e irmã]”* (sic).

Em relação à percepção de diferenças de cuidado e possíveis dificuldades associadas à um determinado gênero, P1 relatou que a questão da higiene e do autocuidado no sexo masculino é mais custosa. *“Ele está com uma certa resistência de limpar o próprio bumbum, sabe?”* (sic); *“A gente briga direto com ele porque ele não está levantando as duas tampas do vaso e quando ele molha, eu faço ele ir lá e secar”* (sic).

Apesar de citar a questão da maior dependência do menino aos cuidados da mãe, P3 ressalta: *“A única dificuldade que eu tenho é que meu filho gosta muito videogame e celular. Minha filha não, ela gosta de ver vídeos, de ver novelinhas...Então ela assiste as novelinhas e ponto”* (sic). P4, o pai, também destaca maior dificuldade quanto aos eletrônicos. Além disso:

*Chega uma hora que você tem que dar uma controlada, porque eles brigam, se batem, e eu acabo ficando com mais dó dela, porque ele tem mais força do que ela. A única diferença é que a gente toma alguns cuidados com ela, assim, eu fico mais aborrecido quando ele bate nela do que quando acontece ao contrário, porque a chance de ele machucá-la é muito maior, né? Mas fora isso não tem nada especial (sic).*

P6 acredita que a maior dificuldade de criação de dois filhos está relacionada ao estabelecimento de regras. “Muitas vezes, não é fácil você definir regras. Ainda mais com dois filhos com idades diferentes” (sic). P2 concorda e busca explicar para os filhos, de forma clara, o porquê das diferenças: “Porque senão fica: ‘ah, ela é melhor do que eu. Eu não mereço e ela merece... A gente sempre procura contextualizar pra nunca gerar o desconforto do ‘sou melhorou sou pior’” (sic).

P4 e P10 citam a questão dos cuidados físicos direcionados à filha, principalmente no que concerne ao banho:

*Uma diferença em relação à menino e menina, que é uma coisa que já vai mudando, por exemplo, banho. Eu não tomo [banho] junto há muito tempo, principalmente com ela. Com ele não teria tanto problema, mas com ela eu já não acho legal. Daqui a pouco eu não dou mais banho nela, porque ela já está se desenvolvendo, então eu não acho legal. Nele não tem muito problema, mas nela... quer dizer, ela já tá tomando banho sozinha, eu deixo o sabonete lá e saio (sic).*

“É muito mais fácil pra mim cuidar dele, limpar ele, por ele ter pipi eu sei como tem que fazer, como tem que limpar, então me sinto mais seguro. Hoje eu dou banho na G., mas no começo era algo que talvez distanciasse eu dela” (sic).

O casal P9 e P10 referem maior dificuldade de controlar o comportamento do menino, caracterizado como mais agitado, resistente e desafiador, enquanto a menina é mais adequada. Pelo modo de funcionamento mais passivo da menina, o casal cita maior dificuldade de imposição de limites a ela. P9 revela:

*Por exemplo, agora ele começou a bater nela. E ela passivamente apanha. Aí, a gente segura. É contenção física. Explica que faz dodói... e ela vai acumulando raiva. Ela apanhou o dia todo. Chega à noite, sem ninguém ver, ela gruda no cabelo dele. E eu não tenho nem coragem de chamar a atenção dela, porque coitada, ela apanhou o dia inteiro e eu quero que ela se defenda. Então eu até deixo (sic).*

Da mesma forma, P10 diz:

*Com ele eu consigo ser mais firme, mais enfático. Com ela, eu não consigo ser tão incisivo, eu tenho dificuldade, eu não consigo dar bronca nela. Quando ela começa atomar bronca, ela já começa a fazer carinho, fazer gracinha... então eu tenho mais dificuldade de falar mais sério com ela (sic).*

P2 não identifica diferenças de criação ou desconfortos em relação aos cuidados do sexo oposto:

*Não tenho. Até pra situações assim, por exemplo, a S. já começou a fase dela de mulher, né? Com 11 anos já menstruou, então até esses assuntos entre nós é supertranquilo. Ela trouxe algumas questões relacionadas a sexualidade para trabalhar nessa passagem dela. Ela como mulher, né? pediu para mãe: ‘mãe não fala*

*nada pro papai’, mas aí ela chegou e eu a cumprimentei assim: ‘olha só, parece que temos mais uma mocinha na família’ e aí já quebrou o gelo, a gente já foi conversando. Então não tem mesmo. Nada entre nós que gere certo desconforto (sic).*

#### **6.2.4 Necessidade de atenção especial para um dos filhos**

Durante as entrevistas também emergiram situações em que um dos filhos possui/possuía alguma necessidade de atenção especial, devido às desvantagens no desenvolvimento. P5 relatou que o filho mais novo precisa de mais atenção, supervisão e cautelana comunicação, pois possui um atraso importante de fala e, nos últimos tempos, tem iniciado com movimentos estereotipados, o que deixou os pais em alerta. A mãe, profissional da área da saúde, investe em equipe multiprofissional e estimulação para o desenvolvimento adequado do filho e diz: *“a gente tá o tempo todo preocupado” (sic)* e *“os cuidados com ele são esses, né? Da rotina, cada hora uma coisa, precisa ficar vendo o que tá acontecendo” (sic).*

P6, o pai, completa: *“Cada uma precisa de atenção conforme cada momento. Mas de resto, é tudo igual. Pro pai e pra mãe não existe preferência” (sic).*

P9 também aponta para uma situação semelhante na gestação gemelar, em que a menina nasceu em desvantagem de peso em relação ao irmão. O temor da possibilidade de internação, ainda na maternidade, direcionou a atenção e dedicação dos pais para os cuidados e o desenvolvimento da filha. *“No começo, ela tinha muita atenção da gente, porque o B. era mais pesadinho, ele tinha mais força para mamar, ela não” (sic)*, por isso, *“ela requer mais atenção da gente. A gente olha mais para ela” (sic).*

A necessidade de atenção especial nem sempre se relaciona com a identificação pessoal com os filhos, porém, P10 refere que a atenção da mãe voltada para o desenvolvimento da filha também direcionou o cuidado do pai com o menino. *“Desde pequenininho, o B. ficava muito comigo, não tinha o colo da mãe 100%. Inicialmente, a G. demandava mais da mãe do que o B., então foi uma identificação muito grande desde o começo. A relação com a G. foi mais construída” (sic).*

Com os resultados das entrevistas, surge a hipótese de que a percepção dos pais de uma necessidade pontual de um dos filhos também é um fator que influencia na dedicação e cuidado. Filhos percebidos como mais autossuficientes trazem menos preocupação aos pais e, conseqüentemente, menor necessidade de supervisão. Muitas vezes, tal situação pode ser interpretada com preferência, apesar de não haver correlação nessas entrevistas.

#### **6.2.5 Estereotipificação de gênero.**

Ramos (2011) aponta que, embora novas concepções sejam introduzidas no meio familiar e incentivem mudanças nas vivências da feminilidade e masculinidade, observa-se que ainda são encontrados modelos de criação envoltos por estereótipos de gênero, principalmente em relação à padrões culturais e a crença das diferenças emocionais, em que a mulher é mais sensível, “nervosa” e frágil. Esse paradoxo pode ser observado na fala de P3, que refere buscar melhorar suas práticas em relação à igualdade de gênero, devido às transformações sociais. Entretanto, algumas falas revestidas de preconceito e estereótipos passam despercebidas e reforçam a desigualdade.

No que concerne à crença das diferenças socioemocionais, P3 revela:

*Teve uma vez que eles estavam brigando e aí ele falou assim pra mim: ‘mamãe, porque que as mulheres são tão nervosas?’. Eu achei tão bonitinho. Aí eu falei que mulher é assim mesmo, que tem TPM... então pra ele se acostumar. Ele é pequeno, mas ele já percebeu que as mulheres são diferentes (sic).*

A mesma mãe ainda reconhece: “*Eu erro em falar que menino não pode chorar, mas é porque eu não quero que ele seja uma pessoa fraca, independente se for ele ou ela*” (sic).

P4, o pai, refere:

*A gente tem uma educação mais tradicional. Ela brinca de boneca, casinha...mas ela joga bola, ela adora jogar bola. Ele também. Ele gosta de carrinho...de boneca ele não brinca. Assim, acho que estamos criando menina menina e menino menino. A questão da educação é a mesma. Eu acho que o que difere, como eu falei, a gente cria uma menina pensando numa menina, então assim, ela usa roupa de menina e ele usa roupa de menino. As coisas dela são rosa ou outra cor mais clara e a dele é azul, mas tem vermelho também. É o modo como eu e como a D. também fomos criados, né? Elas usam vestidos, eles bermuda, calças, cada um tem sua cor (sic).*

Em conformidade com Papalia e Feldman (2013), esse processo é denominado tipificação de gênero, que é introduzido desde a primeira infância e no qual os pais começam a moldar a personalidade dos filhos e a reforçar os comportamentos culturalmente adequados para cada gênero. Para Eliot (2013), assim que a criança já possui estruturas cognitivas para assimilar as experiências e expectativas sociais que lhes são impostas, há a incorporação de características mentais femininas e masculinas pela criança.

P10 acredita que o comportamento dos filhos é típico de cada gênero e, segundo ele, não são frutos de aprendizagem:

*Eles são autênticos desde que nasceram, né? então tem a vontade própria, tem gosto próprio, tem interesse próprio. Inclusive agora cada vez mais está ficando claro o interesse deles, por exemplo, para assistir televisão, minha filha gosta de Minnie, ela quer ver desenho do nenê...o meu filho quer bola, quer trator... e assim, não foi nada ensinado, é totalmente original deles, então é muito interessante. Assim, minha filha, desde que nasceu ela é muito delicadinha, meiguinha...(sic).*

Segundo Butler (2018, p. 199), comportamentos típicos de gênero são construídos socialmente, logo, aprendidos culturalmente. Defende que o sujeito é compelido a repetir as normas pelas quais é produzido, o que se denomina performatividade, na qual ele “cria ou interpreta aquilo que nomeia, marcando assim o poder constitutivo ou produtivo do discurso”.

Já P9, a mãe, soube perceber práticas de reforçamento de padrões de gênero cultural e que a percepção de diferenças de temperamento e interesses podem moldar as respostas dos pais ao comportamento dos filhos.

*Por ele serem gêmeos, a disponibilidade de brinquedos estereotipados, femininos e masculinos não existe, porque aqui a gente tem boneca, carrinho, etc. Mas eu percebo que o B., quando chuta a bola é extremamente reforçado. Então ele é o moleque do futebol. Quando ele pega a bola pra jogar com meu marido, a G. fica do lado, só olhando. E a gente não chuta a bola para ela. Então, eu não sei se o interesse dela por bola era baixo ou se a gente acabou não reforçando isso. Já o comportamento do B. de jogar bola é muito reforçado, porque é lindo um menino jogar bola. Eu vejo essa diferença de atividades mais físicas, mais motoras sendo muito mais reforçadas nele. Ela é mais das brincadeiras de mesa. Ela ama livros, albinhos de foto...E aí ela é a delicada. Minha mãe comprou um carrinho de boneca para ela e um carrinho de supermercado para ele. E aí, se ele pega o carrinho de boneca, eu vejo que, principalmente os avós, isso nem sou eu e meu marido, porque a gente tem um pouco mais de consciência. A avó fala: ‘aqui seu carrinho B., o seu é o de supermercado. Aí eu falo: ‘mãe, deixa o menino brincar com carrinho de boneca’. Mas quando a gente comprou um Mickey e uma Minnie. O Mickey, a gente deu para ele e a Minnie, para ela. No chá de bebê da minha irmã, quem achasse que era menino, colocava azul e quem achasse que era menina, colocava rosa. O B. sempre falou que era uma menina, e eu fui vestir ele de rosa. E ele não tinha nenhuma roupa rosa, entende? Então eu peguei uma da G. Hora que meu marido olhou, ele falou para mim, baixinho: ‘pelo amor de Deus, o que é essa camiseta?’ (sic).*

Nesse sentido, observa-se que a família de P9 já tem crítica sobre a necessidade de rompimento com comportamentos típicos de cada gênero, por exemplo, o cuidado da casa e dos filhos. “Eles nanam neném igual, O B. igualzinho a G., desde pequenininho. ‘Vamos trocar a fraldinha, colocar o neném para dormir...ele faz’” (sic). Porém, a mesma mãe ainda identificou uma valorização do sexo masculino na família quando disse: “Eu torcia para o bebê da minha irmã ser menina. Eu quero ser a única a ter um filho homem, não quero que o B. perca a majestade” (sic). A colocação vai de encontro ao proposto por Castro (2009), em que apesar dos avanços conquistados pelas lutas sociais, a família nuclear ainda é influenciada por paradigmas patriarcais, que valorizam o masculino.

P6 refere não observar diferenças e estereótipos de gênero:

*Se as idades fossem mais próximas, talvez seria mais fácil de perceber. “Ah eu quero jogar bola e eu quero fazer ballet”, apesar que a gente vê os meninos que dançam ballet. Então essa é uma questão que pra mim, não tenho preconceito quanto a isso. Mas assim, acho que vai aparecer diferenças assim ao longo do tempo, por enquanto não consigo ver muita diferença não (sic).*

### 6.2.6 Autoavaliação de práticas.

Em relação à avaliação das próprias condutas educativas, não houve um padrão. De forma geral, foi possível observar que as mães cumprem um papel mais político, negociador, de maior diálogo, maior atenção ao cuidado físico e supervisão para o cumprimento da rotina dos combinados, orientação e estabelecimento de regras de conduta, confirmando Goetz e Vieira (2009). O pai, é mais frequentemente visto como a autoridade final. P1, que é divorciado do marido, afirma: *“Eu estou no dia a dia, pra disciplinar, pra educar, pra aprender e tudo mais” (sic)*, revelando um controle mais austero. P2, o pai, revela: *“Eu como pai cumpria um papel um pouco mais autoritário, aquele que fala mais alto” (sic)*.

Em contrapartida, P3 revelou dificuldade em *“ser firme” (sic)* com os filhos, percebendo que deixa o controle do comportamento mais rígido para o marido. Como pai, P4 também refere que atua *“mais no concreto mesmo” (sic)*, com atitudes pontuais mais autoritárias. *“Quando eles estão sozinhos comigo, eles ficam um pouco mais reticentes. Eu falo um ‘não’ mais redondo, eu falo ‘não’ e ponto” (sic)*.

*Eles reclamam que eu sou bravo. Eu sou amigo deles, mas eu não posso perder a autoridade e a figura de pai. Então, se preciso for alterar a voz, colocar de castigo para que eles entendam isso. Eu sou amigo deles, eu junto com eles, eu quero o melhor pra eles, mas eu sou o pai deles, eu tenho obrigações também (sic).*

Assim como P1, P5 também se considera mais controladora do que o marido: *“A mãe tá o dia inteiro, né? a mãe é um pouquinho mais rígida. Em termos de conversar, sempre sou eu. Mas eu faço o P. participar de tudo” (sic)*.

Apesar de, às vezes, observar necessidade de ser mais enfático, P2 revelou ter mudado o próprio comportamento para com os filhos nos últimos tempos e tem percebido que a relação tem se transformado: *“Muito mais acolhedora do que uma relação de estresse” (sic)*.

*Há mais ou menos 3 anos, por conta de uma busca por mais autoconhecimento, de uma questão mais da espiritualidade, eu entendi que é possível trabalhar a questão da autoridade por outro caminho, o caminho do exemplo. Hoje eu procuro trazer o que aquele desgaste está trazendo em termos de produção de alguma coisa. ‘O que agente vai aprender com essa situação?’ Eles aprendem da mesma forma, mas de uma forma muito mais participativa e reflexiva (sic).*

P9 e P10 revelam que buscam manter uma mesma conduta assertiva, ressaltando a participação igualitária de ambos os pais em todos os cuidados e no quesito autoridade. De forma contrária, P7 já afirma maior ausência do marido no controle do comportamento dos filhos e maior necessidade de rigidez. P8 confirma: *“Aqui em casa, por exemplo, só eu trabalho. Minha esposa não trabalha porque tem as crianças pequenas. Eu sou mais fechado, sabe?. Minha esposa até cobra de mim que eu deixo tudo pra ela” (sic)*. Dessa forma,

observa-se queo casal de menor escolaridade ainda reproduz paradigmas antigos, no qual o homem trabalha eé provedor e a mulher é a dona de casa, responsável por cuidar e educar os filhos. O pai, funciona de forma mais pontual na autoridade.

Em todos os casos, observou-se que os pais buscam compartilhar e alinhar informações sobre as condutas para manter a consistência das regras e da autoridade entre os dois.

### **6.3 Ordem de nascimento dos filhos**

Foram identificadas as seguintes subcategorias para a ordem de nascimento de cada filho: Menina mais velha/menino mais novo e Gêmeos.

#### **6.3.1 Menina mais velha/menino mais novo**

Três dos casais entrevistados possuem filhas meninas mais velhas. Por isso, não foi possível identificar com consistência diferenças significativas de níveis de exigência ou divisão de tarefas que denotassem desigualdade de gênero. Nos casos, os meninos ainda se desenvolvem no estágio sensorio-motor e pré-operatório de Piaget, no qual a estrutura cognitiva em formação, prepara a criança para interagir com objetos e tarefas mais complexas futuras (RAPPAPORT, 1981; *apud* SANTIAGO *et al.*, 2020).

O casal P1 e P2 costumam atribuir tarefas mais elementares, as quais o filho tem condições de interagir, tais como regar as plantas, colocar comida e água para os animais domésticos e retirar o próprio prato da mesa. Arrumar a própria cama e ajudar a colocar a mesa ainda são tarefas em aprendizado, através de processos proximais, elucidados por Bronfenbrenner, como sendo as interações recíprocas, progressivamente complexas, entre a criança e seu microsistema em torno de uma atividade, até que se tenha condições cognitivas de realizá-la sozinha (LEÃO; SOUZA; CASTRO, 2015).

Entretanto, foi consenso entre os casais que, mesmo no futuro, não haverá distribuição desigual de tarefas entre os gêneros, refletindo uma quebra nos papéis “esperados” para homens e mulheres. Segundo P1, *“aqui em casa não tem nada de coisa de menina e coisa de menino! Eu falo pra eles, “pode ajudar!”. Se quiser lavar um copo... não sendo de vidro, pode lavar. Não tem nada a ver” (sic).*

Foi possível identificar que quando a menina é mais velha do que o menino, elas costumam auxiliar a mãe no cuidado com o irmão, o que se observa em: *“Ela me ajuda com*

o G. Eu falo: “E. vem me ajudar’, então ela me ajuda.” e “a E. age assim, acha que é um pouquinho mãe dele. Ela quer ensinar, ela quer falar brava com ele, quer mostrar o porquê que não pode. Então assim, quanto mais for crescendo, eu acho que vai ficar menos comum. Mas nisso ela me ajuda bastante assim” (sic). Da mesma forma, são exemplos para os irmãos:

*Ele tem a S. como ídolo dele. O R. é um grande incentivador. Ele tem uma grande admiração por ela, porque as perguntas que ele faz, ela sabe responder, ela ajuda ele com as tarefas da escola, de casa... sempre resolve rapidamente tudo que ele tem dificuldade. Ela é o exemplo dele e ele quer estar acompanhando, né? Quer sempre estar na mesma...sintonia, não quer ficar pra trás (sic).*

### 6.3.2 Gêmeos

Dois dos casais entrevistados possuíam filhos da mesma idade. P3 revelou sentir maior dificuldade na criação de gêmeos: “Eu não sei se por eles serem gêmeos é mais difícil pra mim, porque eles têm a mesma idade, então é tudo ao mesmo tempo. Talvez se tivessem uma diferença de idade seria mais fácil. Então essa questão de terem a mesma idade é mais difícil” (sic).

Em relação ao cuidado, P9 também referiu maior dificuldade:

*Eles têm rotina de tudo. Absolutamente tudo. Porque gêmeos você precisa ter rotina, senão você vai enlouquecer. Então, por exemplo, um gêmeo dormiu e o outro não, eu acordava esse que estava dormindo. Eles dormem juntos, acordam juntos, comem juntos e isso é um grande problema também. Porque, por exemplo, eles têm preferência de alimentos e eu sirvo a mesma coisa pros dois (sic).*

Todavia, ao invés de observar maior fluidez de papéis femininos e masculinos, devido

à imersão de ambos na mesma criação e em todo tipo de brincadeiras e jogos, nota-se que os pais de gêmeos têm maiores condições de identificar o reforço de padrões de gênero cultural e estereótipos. Segundo Judith Butler (2013), a sociedade tem a necessidade de demarcação e definição de um modelo binário. As práticas discursivas de gênero instituem normas sociais intangíveis que compelem os sujeitos a se comportarem de uma determinada forma.

### 6.4 Percepção sobre a participação do parceiro nos cuidados (mãe/pai)

Nesta categoria, a partir da pré-análise (BARDIN, 2016) do material coletado, foram identificadas três subcategorias a serem estudadas: Divisão de tarefas; Autoridade; e Desempenho afetivo.

### 6.4.1 Divisão de tarefas

De acordo com os dados obtidos nas entrevistas, em sua maioria, os participantes trouxeram que ambos executam as tarefas de cuidados dos filhos. Segundo P1: *“O S. e eu sempre dividimos as tarefas, até em relação a levar pra escola, buscar, ajudar com a tarefa”* (sic). Já a P3, pontuou sobre deixar a tarefa que considera mais difícil para seu marido (P4) executar, como por exemplo a questão de estabelecimento de regras:

*A parte mais difícil eu deixo pro meu marido. Mas, assim, a gente tem regras pra estudar, essas coisas. Porque agora também tem essa pandemia e eles estudam período integral, mas quando tem aula em casa é meio período. Aí como meu marido tem o horário mais flexível, ele que ajuda nas tarefas* (sic).

A mesma participante (P3) ainda pontuou: *“Meu marido é mais firme nessa parte, essa parte fica com ele, aí eu nem me intrometo”* (sic).

Percebeu-se a questão da divisão de tarefas pelo que foi trazido por P5, referindo sobre seu esposo (P6): *“Agora ele lida melhor, ele impõe limites também, ele fala ‘não’ pro G. e o G. já olha pra ele e obedece [...] Mas assim, em termos de conversar, sempre sou eu, mas eu faço o P. participar de tudo, tudo eu sempre falo pra ele”* (sic). Por fim, P8 trouxe que a sua esposa (P7) é quem executa mais as atividades de cuidado dos filhos.

Deste modo, os dados obtidos ressaltam aquilo que é trazido por Amazonas e Braga (2006), no qual diz que, atualmente, por meio das transformações sociais que ocorreram durante o passar do tempo, especialmente referente a inserção da mulher no mundo do trabalho, observa-se que os pais dividem com as mães os afetos e cuidados que são direcionados aos filhos, o que anteriormente, era considerado algo que pertencia mais as mães.

### 6.4.2 Autoridade

Através da análise dos dados, percebeu-se que o papel de autoridade é exercido tanto pelos pais, quanto pelas mães. Goetz e Vieira (2009) trazem que, a orientação dos filhos e estabelecimento de regras de conduta, são papéis mais frequentemente desempenhado pela mãe, em circunstâncias reais. Porém, é esperado pelas crianças que o pai também execute mais o mesmo papel, dando ênfase a ideia de que o pai transmite uma visão mais educadora e de autoridade pelos filhos.

Entretanto, uma participante descreve o marido como sendo mais autoritário, principalmente quando se trata de estabelecimento de regras e limites. Segundo P3: *“Meu*

*marido é mais firme nessa parte. Essa parte fica com ele, aí eu nem me intrometo [...] Mas eusou bem mais maneirável, sou bem mais flexível do que ele. Mas a gente tenta chegar a um ponto comum, porque eles têm que ter uma direção, né” (sic), referindo que o esposo consegue controlar mais as situações, especialmente quando se trata do controle de tempo de telas, o que se observa em:*

*Por exemplo, agora à noite meu marido vai ter um compromisso, então ele sai, aí acabou videogame, ele vai ter que ficar na televisão comigo... e se ele pega meu celular, ele só fica assistindo vídeo. Mas é complicado, tem que ficar atento com ele. Mas o meu marido consegue controlar bem isso (sic).*

P4 confirmou o que foi trazido pela esposa (P3): *“Mas eu percebo assim, que quando eles estão com a mãe, eles ficam mais manhosos. Quando eles estão sozinhos comigo, eles ficam um pouco mais reticentes. Eu falo um ‘não’ mais redondo. Eu falo ‘não’ e ponto” (sic). Ainda nesse sentido, em que o pai acaba tendo mais autoridade do que a mãe, P2 relatou:*

*Eu como pai cumpria um papel um pouco mais autoritário, não no sentido negativo da palavra, mas aquele que fala mais alto. Então, a mãe tenta negociar, que normalmente a mãe é um pouco mais negociadora, né? E eu costumava ter uma posição de mais autoridade. Já que tentou-se tudo já no campo político, agora vamos para o campo mais da autoridade (sic).*

Entretanto, o mesmo participante citado acima, trouxe que mudou a maneira de impor sua autoridade:

*A autoridade do pai e da mãe, para os filhos, é natural, como referência e, necessariamente, acaba sendo por responsabilidade. O pai e a mãe sempre tentam construir uma linha de conduta, de exemplo para com os filhos, mas por conta dessa mudança de perspectiva de vida, então eu passei a trabalhar com eles a questão do exemplo (sic).*

Em contrapartida, a participante P5 relatou ser mais autoritária e rígida do que o marido (P6), visto que a mesma passa mais tempo com os filhos do que o esposo:

*A mãe tá o dia inteiro né, a mãe é um pouquinho mais rígida [...] o P. era mais mole vamos dizer assim, deixava... mas aí, a gente precisou passar por um processo também [...]. Agora ele lida melhor, ele impõe limites também, [...], mas assim, em termos de conversar, sempre sou eu, mas eu faço o P. participar de tudo, tudo eu sempre falo pra ele (sic).*

P6 confirma: *“A E., quando era mais nova, com a idade do G., um pouquinho mais, ela respeitava mais J. do que eu [...] A J. ainda é mais brava do que eu” (sic).*

Foi percebido uma maior autoridade vinda da mãe, através do relato do P8: *“Ela é um pouco mais autoritária que eu. Tanto que ela me cobra que eu deixo tudo na mão dela. Ela que pega mais no pé deles. Até por passar mais tempo com eles, né? Acorda, passa o dia todo... Ela é mais autoritária, mais nervosa” (sic).*

Notou-se que todos os participantes relataram que buscam não anular a autoridade do cônjuge. Segundo P3: *“O que a gente sempre procura é um não interferir no que o outro tá*

*falando pras crianças. Então assim, mesmo que ele for rude, eu não vou tirar a autoridade delenaquele momento. Ai depois a gente conversa. Algumas coisas chegam a um consenso” (sic). P5 relata: “Aconteceu alguma coisa com a E. e os amigos, então eu chamo ele e conto. Falo qual foi minha conduta, pra ele também conversar com ela. Ele não tira a minha autoridade eeu também não tiro a dele” (sic). Conforme P10: “Quando um define que é ‘sim’ ou ‘não’ pra alguma situação, os dois vão ter a mesma resposta. Então, a gente não desrespeita, a gente não muda a opinião que o primeiro decidiu” (sic).*

### **6.4.3 Desempenho afetivo**

Dessen e Braz (2000) pontuam que, na visão da mãe, o pai é a fonte de apoio mais importante da família. Já para o pai, o suporte econômico é o tipo de apoio mais relevante para o bem-estar dos filhos. Goetz e Vieira (2009) também trazem que há diferenças no desempenhos papéis parentais, sendo que a mãe está mais voltada para o cuidado físico, e o pai, para o auxílio econômico. Isso revela uma diferença de valores, provavelmente ligadas aos papéis de gênero feminino e masculino. Nesse sentido, apesar da atual tendência à mudança nas concepções de gênero, as mulheres seguem dando prioridade para um papel de cuidado físico e afetivo, à medida que os homens valorizam o papel de provedor.

Interagindo com o supracitado, em uma das entrevistas, em que a participante apresentava menor condição socioeconômica, comparada às outras participantes, foi possível perceber essa relação, visto que o marido é quem trabalha e traz sustento a casa, enquanto a mulher, dona de casa, fica com as tarefas domésticas e de cuidados dos filhos. Segundo P7: *“Eu engravidei cedo, ai eu parei de estudar, ai eu fiquei só mãe, né, não trabalhei, não arrumei serviço e fiquei em casa cuidando, né...” (sic).*

Entretanto, analisando os dados obtidos nas demais entrevistas, percebeu-se que o desempenho afetivo direcionado aos filhos, é exercido tanto pelas mães, quanto pelos pais, de forma mais igualitária. Isso pode ser observado quando P10 coloca:

*Inicialmente ela era muito mais apegada a mãe... os dois no começo eram naturalmente mais apegados a mãe, né? por conta da amamentação e tudo mais. Mas, assim, ela tinha uma segurança maior depositada na mãe. Então, com o passar do tempo a gente foi se conhecendo, foi se identificando mais. Então assim, a gente ta numa fase agora que minha filha ta extremamente carinhosa comigo, ta numa fase que tudo é papai, pede meu colo, muitas vezes ela deixa a N. de lado e quer ficar só comigo (sic).*

### **6.5 Delimitação de tarefas aos filhos**

Na categoria em questão, foram identificadas duas subcategorias a serem estudadas: Tarefas domésticas/escolares e Tarefas “esperadas” para os gêneros.

### 6.5.1 Tarefas domésticas/escolares

Por meio dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, foi possível identificar que os pais e as mães buscam exigir tarefas equivalentes para ambos os filhos, independente do gênero. Todavia, devido à delimitação do estudo quanto à faixa etária das crianças até 12 anos, os casais revelaram que ainda não exigem que os filhos realizem tarefas domésticas de forma sistemática. Deste modo, solicitam atitudes que são possíveis para cada faixa etária. Percebeu-se que algumas atividades domésticas são delegadas para as meninas, mas não para os meninos. Contudo, segundo eles, isso não se deve ao gênero, mas sim a idade. Isso pode ser observado no que foi trazido por P1:

*A gente tenta até hoje passar umas tarefinhas de casa pra ela fazer, como arrumar aprópria cama, deixar organizado o armário [...] Em relação às tarefas da casa, de falar pra arrumar cama... o R. não tem essa tarefa ainda, ele só tem 7, mas ele é bastante organizado, ele faz as coisas por conta própria. Às vezes eu coloco eles pra regar as plantas, eu falo: “oh, S. e R. responsabilidade de vocês’ aí o R. acaba regando. Aí colocar ração no pratinho da gatinha, a S. coloca, trocar água do reservatório da gatinha, também S. que faz, arrumar mesa do almoço, S. que faz... então eles tem sim uma divisão de tarefas, mas que não está ainda muito consolidada, né? Eu peço para me ajudarem nas tarefas da casa, mas sem uma tabela pra cumprir (sic).*

P7 também descreve:

*Elas começaram a me ajudar agora, faz pouco tempo. A gente faz tudo junto, tipo assim, se eu tiver lavando com a mangueira, a outra vai esfregando, se eu vou lavar o banheiro elas vão e me ajudam, vamos fazendo as três tudo junto... [...] O J. eu coloquei pra fazer hoje [...] Agora o J. começou a me ajudar hoje, então é a mesma coisa, fui lavando ele foi puxando, já coloquei também, passou da hora de me ajudar (sic).*

Em relação a isso, P8, o esposo da participante supracitada, relatou que acredita ser importante colocar os meninos e as meninas para ajudarem em casa, independente do gênero; e trouxe como exemplo questões relacionadas a ele mesmo, o que se observa em:

*Elas ajudam. A mãe põe pra ajudar. Eu também cobro. Tem que ajudar. Eu mesmo ajudava minha mãe quando era criança. Hoje também, o que eu posso fazer em casa, eu faço, tipo lavar uma louça, fazer uma comida... Então, a gente cobra deles porque eles precisam aprender a ajudar, a compartilhar, essas coisas. [...] Se os meninos precisarem ajudar, eles ajudam. Até porque, quando eu posso, eu faço também. A gente já mostra pra eles, né? tenta dar o exemplo (sic).*

P3 relatou que seus filhos ainda não possuem essas obrigações: “Eles não têm obrigações [...]. A única coisa que eu faço às vezes é pedir pra eles me ajudarem a arrumar a mesa, aí eles me ajudam” (sic). O mesmo foi confirmado por seu esposo, P4: “A gente não

*temisso assim tão definido, é pontual. Deixou os brinquedos jogados? a gente faz pegar! Ela costuma deixar bastante giz de cera e papel jogado, aí a gente faz pegar” (sic).*

Em relação à exigência de tarefas escolares, também não foram notadas diferenças. Ambos os filhos têm as mesmas obrigações para realizá-las. Conforme P3: “*A gente tem regras pra estudar. Porque agora também tem essa pandemia e eles estudam período integral, mas quando tem aula em casa é meio período, aí como meu marido tem o horário mais flexível, eleque ajuda nas tarefas” (sic).* P1 também relatou:

*Por volta das 14h até as 16h eles fazem as tarefas. No condomínio eu deixo eles saírem a partir das 17h e até às 19h. Depois das 17h porque prestadores de serviço, movimentação aqui no condomínio acontece até às 17h, então é mais seguro por conta do fluxo de veículos, pessoas estranhas andando e também por eles já terem cumprido as tarefas da escola (sic).*

Segundo Scholz et al. (2015), devido às grandes mudanças no contexto sociocultural ocorridas nos últimos anos, não é mais possível definir um padrão de funcionamento e configuração familiar. Isso faz com que cada casal de progenitores ressignifique seus papéis e flexibilize suas crenças. Nos dados das entrevistas, é possível identificar o que é trazido por Denusa Ramos (2011), a partir dos resultados da sua pesquisa de mestrado, no que diz respeito a divisão de papéis entre homens e mulheres estar se tornando mais fluidas ao longo das gerações, em que a antiga visão social da mulher vem sendo cada vez mais modificada; e os privilégios oferecidos ao gênero masculino não mais existem, de forma intencional.

### **6.5.2 Tarefas “esperadas” para os gêneros**

Através da análise dos dados obtidos, foi possível perceber que os pais e mães atribuem um valor positivo à capacidade de realização de atividades domésticas, tais como o desenvolvimento de responsabilidade, autonomia e autogerenciamento. Dessa forma, esperam que ambos os filhos sejam capazes de realizá-las. Isso pode ser claramente observado no que é trazido por P10, o qual traz experiências vividas por ele, na época em que morava com os pais:

*A parte de brinquedos a gente já exige deles sim, não exigimos a perfeição, mas a gente incentiva bastante pra eles recolherem tudo, colocarem na caixa, sacola, então isso eles já vem fazendo. Mas, com certeza quando eles crescerem, a parte de arrumar quarto, pra terem responsabilidade, né. Na minha criação faltou um pouco disso, eu não costumava organizar minhas coisas, era sempre minha mãe ou a funcionária que organizava, então isso é algo que eu quero diferente, que é bastante importante, então a gente vai colocar essa regra pra eles. [...] Lá na minha casa, por exemplo, lavar louça, minha mãe não exigia que eu lavasse a louça, mas exigia da minha irmã, mas isso eu olho assim e acho muito injusto, mas isso era no passado, né, a cultura que era naquele momento, né, mas com certeza vai ser pros dois, não vai ter diferença (sic).*

No mesmo sentido, P9, a esposa do participante citado acima, discorre sobre a importância de atribuir deveres domésticos e escolares às crianças. Segundo ela, quando os filhos crescerem e tiverem melhores condições motoras e cognitivas, ela gostaria que ambos possam realizar atividades domésticas. Contudo, receia não fornecer o exemplo necessário, contando sobre algumas de suas vivências em relação a isso:

*Ah, eles devem né? [realizar tarefas domésticas]. Eu acho que é aumento de repertório. Saber se autogerir, se autocuidar é muito importante. Eu tive uma história e o D. também, em que nós não tivemos esse aprendizado de cuidado. Então, por exemplo, eu não arrumava minha cama, eu não lavava a louça da minha casa, eu não tinha esses deveres. [...] Então, na minha casa, por exemplo, eu e o D. não arrumamos a casa. A cama só é arrumada três vezes na semana quando a empregada vem. Então assim, é muito difícil exigir algumas coisas dos meus filhos que nem eu faço. Eu acho que esse vai ser o grande desafio. Mas, a gente vê que a gente sofreu muito quando agente foi morar fora, fazer faculdade fora, o D. foi morar fora do país, etc, eu tive que aprender muita coisa e foi muito sofrido, porque eu estava sozinha e precisava fazer isso. E foi uma aprendizagem do zero, porque eu não tinha nenhum repertório. Então, eu gostaria muito que eles aprendessem [...] porque eu acho que é importante saber se auto gerenciar (sic).*

Ao ser questionada sobre essas tarefas serem exigidas tanto para o menino quanto para a menina, P9 trouxe a seguinte fala:

*Eu gostaria. Porque eu acho um absurdo essas casas que...o D. vai falar sobre isso. Minha sogra colocava minha cunhada pra lavar louça e o D. ficava deitado no sofá. Ele fala: 'Nossa, N. eu achava um absurdo eu estar deitado lá enquanto minha irmã lavava louça, mas eu adorava também'. [...] Mas, eu quero que os dois façam tudo. Eu acho importante isso. Acho! (sic).*

Em conformidade com Diniz e Ramos (2015), as dinâmicas relacionais e o exercício dos papéis femininos e masculinos sempre tiveram suas configurações na família, em que os papéis de gênero eram artificialmente criados e designados à homens e mulheres, com divisão rígida de atitudes e deveres esperados de cada um. Segundo as autoras, isso impedia a construção de relações familiares sadias. Atualmente, de acordo com Eliot (2013), percebe-se a ruptura desse paradigma.

## **6.6 Estabelecimento de limites**

A respeito do estabelecimento de limites e regras, foram identificadas cinco subcategorias: Flexibilidade; Estado civil dos pais; Personalidade dos filhos; Estilo parental; e Esclarecimento de regras.

### **6.6.1 Flexibilidade**

Analisando as entrevistas, foi possível identificar que os pais e mães têm caminhado para uma criação mais flexível, que prioriza a escuta e o diálogo com os filhos. Atualmente, conversa-se sobre regras e limites, bem como a necessidade e a razão destes, estabelecendo combinados de forma colaborativa com a criança e buscando a compreensão e a introjeção de valores. Pôde-se perceber que, os pais e as mães buscam supervisionar o cumprimento das tarefas de rotina, mas que tudo é conversado. Essas questões, podem ser observadas no que foi trazido por P4:

*Eu controlo na base da conversa [...]. A gente não é muito sistemático assim não. A D. tentou uma época colocar as bolas vermelhas e tal, mas naquele momento o método não surtiu tanto efeito não. A gente não tem muitas regras, eu reajo numa situação concreta, sabe? Reclamo muitas vezes quando eu acho que eles jogam demais, quando não estão prestando atenção nas aulas que tem online [...]. Mas a gente não tem assim, uma lista de coisas sistemáticas. Os limites comigo foram sendo dados na medida de convivência, eu não sei se isso tá certo ou errado, eu sei que existe esse tipo de coisa, mas nós não adotamos isso [...]. Mas eu acho que nós não estabelecemos regras rigorosas, eu atuo mais no concreto mesmo (sic).*

Entretanto, da mesma forma que o participante trouxe esta flexibilidade, percebeu-se, através da fala de P4, uma certa rigidez quando se trata de assuntos escolares:

*Eu acho que a gente agora vai entrar numa nova fase, porque eles tão fazendo o ensino fundamental, eu acho que não houve tempo pra gente testá-los em termos de notas, porque as provas a gente faz juntos, então o desempenho deles por conta da pandemia...ano passado eles ficaram sem escola, então deu uma boa queda, mas a gente tá tendo um pouco de paciência, mas eu acho assim, como eu que to acostumado a estudar a vida inteira, uma coisa que eu não admito bem é falha em estudo, assim, não precisa ser um gênio, nem o primeiro da turma, mas assim, ficar um pouquinho acima da média é desejável (sic).*

Em concordância com o que foi trazido pelo participante acima, sua esposa P3, descreveu também sobre o estabelecimento de regras e limites: “A gente tem regras pra estudar.[...] tem o horário pra comer, de estudar...o horário de dormir é complicado, mas assim, eles tem que acordar seis horas, então a gente não pode deixar eles dormirem muito tarde, então eu tento colocar eles na cama até umas dez horas” (sic).

P7 também trouxe sobre a questão da flexibilidade, relatando que ainda não conseguiu estabelecer o horário de dormir: “A regra que está faltando é horário pra dormir. Porque eles estudam a tarde, aí eu deixo eles à vontade pra dormir. Eu também durmo tarde, então eles ficam assistindo filme comigo até tarde. [...] Mas à partir das 21 horas aqui eles não mexem mais no celular, aí é só na televisão comigo” (sic).

Por fim, analisando o que foi trazido por P1, foi possível identificar menos flexibilidade em relação aos outros participantes:

*Acho que eu sigo uma linha mais rígida sim. Eu estipulo horário pra uso do celular, tenho o FamilyLink que eu estabeleço os horários, quando eles não estão de férias, eles só podem usar o celular a partir das 13h, eu coloco 3 horas, às vezes 2,*

*dependendo do comportamento deles. Eu restrinjo o uso de alguns aplicativos que eu não acho adequado pra idade deles, bloqueio também por faixa etária na Netflix, no YouTube, pra eles só YouTube Kids (sic).*

Destarte, faz-se importante ressaltar que a imposição de limites e regras é algo essencial, pois as crianças precisam aprender a organizar a própria rotina e controlar seus horários, bem como aprender como devem se comportar perante à sociedade, compreendendo quais são os comportamentos tidos como adequados ou não, no meio em que vivem. Tendo isso em vista, a família é o principal meio de desenvolvimento da criança, sendo responsáveis por fazer com que ela internalize normas culturais e determine vínculos essenciais para a evolução. Deste modo, as formas desenvolvidas por esses pais para educar os filhos, tem como finalidade a socialização, o ensino de estratégias que visem substituir comportamentos vistos como inadequados e o estímulo de comportamentos apropriados (FREITAS; PICCININI, 2010; PAPALIA; FELDMAN, 2013; SAMPAIO, 2007).

### **6.6.2 Estado civil dos pais**

Em uma entrevista específica, na qual os entrevistados eram divorciados, notou-se a questão da mãe se mostrar mais rígida com os filhos em relação ao estabelecimento de regras e limites, visto que passa a maior parte do tempo com as crianças. Isto posto, ressalta o que foi trazido por Goetz e Vieira (2009), quando se diz que a orientação dos filhos e o estabelecimento de regras de conduta é um papel mais exercido pela mãe. Porém, no caso analisado, isso se deve, pois as crianças ficam com o pai somente aos finais de semana. Deste modo, o pai mostrou-se mais flexível quanto às regras, combinados e limites, o que pode ser observado no que é trazido por P1 em:

*Eu percebo que é um pouco diferente, porque o compromisso dele é de fim de semana, de 15 em 15 dias, entendeu? Então, até eu se eu tivesse...eu também as vezes relaxo no final de semana com eles, não fico cobrando muito tudo regradinho. Comer saudável, a gente também libera um dia. Só que eu tô no dia a dia, pra disciplinar, pra educar, pra aprender e tudo mais. Uma vez ou outra sair da linha é uma coisa, agora ele tá no final de semana que é só o 'sair da linha', então óbvio que vai ser mais divertido. No final de semana com ele é só sorvete. Eu não posso dar sorvete desegunda a sexta pra eles, concordam?" (sic).*

Em concordância, seu ex-marido (P2) também abordou sobre essa questão:

*Bom, [o controle] não é ostensivo, ele é parcial. Então assim, eu sempre estou observando o que eles estão vendo. Com a I., como eu te falei, o método dela é mais ostensivo, então ela tem o celular deles dois vinculados à uma conta dela, então ela tem controle sobre o horário de começar e o horário de parar. Então, quando eles estão com ela lá, como tem uma rotina um pouco mais cadenciada, de estudo, de curso, de brincar e etc., então eles usam menos o celular, até porque, né? Tem aula, então não vai usar durante a aula. Aqui durante o final de semana e lá também, o final de semana tem um horário mais estendido de uso de celular, de computador, dessas coisas de televisão é mais liberado no final de semana. O meu controle é*

*menos ostensivo, mas eu observo e fico acompanhando (sic).*

### 6.6.3 Personalidade dos filhos

Por meio dos dados obtidos e analisados nas entrevistas, foi possível identificar que os casais impõem as mesmas regras para ambos os filhos, porém a forma de estabelecer os limites são mais personalizadas. De acordo com eles, essas diferenças não se devem ao gênero em si, mas à personalidade e temperamento dos filhos. Isto foi bastante evidenciado em famílias nas quais os filhos são gêmeos. Sabe-se que o temperamento é um aspecto muito significativo para explicar o porquê de as crianças responderem de diferentes maneiras a uma situação parecida. Entretanto, há estudos que apontam que os estilos parentais também são capazes de afetar a capacidade da criança em lidar com o seu mundo interno e externo (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Esta diferença é claramente observada no que é trazido por P10:

*[...] Com o B. eu consigo ser mais firme, mais enfático. Com a G., eu não consigo ser tão incisivo. Eu tenho dificuldade. Não consigo dar bronca nela. Porque ela é muito sem vergonha, quando ela começa a tomar bronca, ela já começa a fazer carinha, fazer gracinha...Então eu tenho mais dificuldade de falar mais sério com ela. Com o B., eu consigo falar mais sério. Mas, assim, mesmo com ele... eu e a N. somos bem alinhados que [...] a gente não gosta de grito, agressão zero, é tudo muito conversado, é tudo muito alinhado pros dois. Mas, tem essa parte sim, com a G. eu tenho dificuldade de falar mais sério com ela [...] a forma da gente impor regras... as regras são pros dois, mas administrar quando eles ultrapassam são um pouco mais customizadas. Então assim, o B. ele vai, faz a bagunça, então eu sou mais incisivo com ele por conta disso, ele é mais bagunceiro. a G., já é um pouquinho mais elaborado as bagunças dela [...] mas as vezes eu acabo tentando conversar mais com ela, pegar ela no colo...Já com o B., eu já ficaria mais bravo (sic).*

Em concordância com o que foi trazido pelo participante supracitado, P9, sua esposa, compartilhou da mesma opinião:

*Eu acho que é diferente, porque...O B. faz mais coisas que são sem limite. Então, ele escuta mais o 'não' [...]. A G., ela para. Então, eu preciso falar uma vez só. O B., quando eu tiro ele do evento e desço pra falar com ele, ele fica com a cara fechadinha, olhando pra baixo. Ele não olha nos meus olhos. A G. olha. O pouco que você fala, até por ela ser um pouquinho mais passiva, ela consegue seguir mais as regras do que ele. Talvez pra ele eu dou mais instruções com 'não'. Ela é mais adequada, mais tranquila. Ele sempre foi mais agitado, mais forte [...]. Qualquer coisa que a gente fale, às vezes eu só falo 'G.!' e ela já para. Eu não preciso nem falar nada. Com ele eu já tenho que falar um pouco mais[...] Mas é muito mais pelo padrão de funcionamento dele do que pelo gênero (sic).*

Essa diferença também foi percebida por P4:

*Ele acabou sendo castigado mais. Assim, o castigo é colocar pra pensar. Já cheguei a bater, mas hoje não acontece mais. Mas ele fica no castigo porque faz mais manha, ela já fica mais quieta. Agora ela, não me lembro de ter dado nenhum tapa nela, mas já cheguei a dar tapa nele [...]. Eu coloco, principalmente pra ele, acho que pra ele mais, mais restrição a jogos, eletrônicos, porque eu acho que ele joga demais. Às*

*vezes, passa o dia inteiro jogando [...] [A regra] é igual, não tem diferença não. A regra vale para os dois, né? eu acho que tem que valer para os dois, não tem diferença não. A única coisa diferente é que a gente toma alguns cuidados com ela, porque às vezes, eles se batem, mas ele é mais forte do que ela, então eu fico mais aborrecido quando ele bate nela do que quando acontece ao contrário, porque a chance dele machucá-la é muito maior, né? Mas fora isso não tem nada especial (sic).*

Isto posto, é importante salientar que, os pais tendem a pensar que o temperamento de meninos e meninas são mais diferentes do que realmente são, reforçando o papel dos estereótipos. Tendo como exemplo disso, as bebês meninas costumam reagir mais diante de expressões faciais, transmitindo a ideia de serem mais sensíveis emocionalmente do que os meninos (BEE; BOYD, 2011).

Entretanto, a ciência aponta que não existem diferenças significativas entre os gêneros no que diz respeito a afetividade e empatia. Nesse sentido, destaca-se que essa percepção de diferenças de temperamento pelos pais pode influenciar suas respostas ao comportamento dos filhos e pode ser prejudicial às relações. São exemplos disso os pais que podem ser mais afetuosos com uma menina tranquila, pois consideram seu comportamento adequado ao sexo feminino (MELSON; PEET; SPARKS, 1991; ZAHN-WAXLER, *et al.*, 1992 *apud* BEE; BOYD, 2011).

#### **6.6.4 Estilo parental**

Os participantes, em sua maioria, apontaram que desenvolvem um estilo parental democrático. Vale lembrar que os estilos parentais são capazes de afetar a capacidade da criança de lidar com seu mundo. Isto posto, a parentalidade democrática é aquela em que os pais priorizam as particularidades da criança, confiando em sua competência para instruir seus filhos; porém considerando que estes têm seus interesses próprios (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Foi identificado que, atualmente, as crianças participam mais da própria criação, tendo mais espaço na relação parental para opinarem e questionarem. Isto é, hoje, os pais compreendem a criança como protagonista de sua própria história. Essas situações podem ser observadas no que foi trazido por P9:

*Eu particularmente odeio pensar na possibilidade que meu filho pode ser um jogador de futebol. Tenho pavor. E as pessoas falam: 'pelo amor de Deus, se ele for um Neymar vai tirar a gente da miséria. Que miséria, o que? Eu quero que ele estude, que ele entenda de arte... Mas assim, é o que eu quero, né? Se ele quiser ser o Neymar, fazer o que? (sic).*

A mesma ainda pontuou:

*Meus pais [eram] extremamente invalidantes. 'Pelo amor de Deus para de chorar, por que você tá chorando? [...]. Com meus filhos, é uma coisa muito simples, é: 'oh,*

*é vacina. Vai doer. Mas eu sei que você é forte, que você vai conseguir e eu tô aqui do seu lado'. Caiu, fez dodói, 'ah, filho, dói mesmo. Vamos chorar, porque doeu. Ai ai ai o dodói'. Eu acho que nós somos muito mais validantes, a gente fala mais de sentimento [...]A gente está mais preocupado com estímulos diversificados[...]. Tinha a cultura do bater, que é inadmissível na minha casa, a cultura do grito...Meus filhos paralisam quando eu falo alguma coisa alta. Às vezes, chamando meu marido mais alto, se estamos longe, eles já ficam paralisados, porque eles não escutam isso na nossa casa. Na casa dos meus pais era grito, era chinelo que voava, castigo...Hoje não tem mais isso [...]. A gente não falava sobre sentimentos, hoje meus filhos sabem fazer cara de triste, de raiva, de nojo (sic).*

P10, esposo da participante mencionada acima, também relatou sobre a sua maneira de criação:

*[...]E também a maturidade de você saber controlar [seu humor], você tem que ter consciência que eles não tem culpa de nada, então é sua responsabilidade se controlar e saber lidar com a situação... Então assim, o que eu quero replicar do que eu tive com meus pais, é... meus pais sempre me apoiaram bastante nas minhas decisões, sempre me deram bastante amor, carinho, não pouparam esforços para educação, então isso é muito bom. Agora a parte de agressão física, principalmente a agressão de gritos, essas coisas, isso é uma coisa que eu não quero replicar (sic).*

Por fim, destaca-se que a maioria dos participantes trouxeram a questão de que seus pais utilizavam punição física como forma de correção de comportamentos julgados como inadequados. Porém, reconhecem que esta não seja a melhor maneira de mudar comportamentos. Como substituinte dessa prática, alguns casais trouxeram que usam o “cantinho do pensamento” como forma de fazerem os filhos refletirem sobre algum comportamento inadequado. P3 relata:

*Eu converso muito com eles. E assim, se eles não me obedecem, eu coloco pra pensar. Eu via muito SuperNany, né? Então, lá tinha o “cantinho do pensamento”. Cada idade aumenta o tempo de ficar lá pensando. Um ano é um minuto pensando e assim vai...agora eles têm seis anos, então são seis minutos pensando. Aí eles ficam lá pensando e depois a gente conversa. Então, eles já sabem. Se continuar chorando, vai continuar lá no cantinho do pensamento (sic).*

Vale lembrar que o estilo parental democrático é considerado o mais adequado, já que, crianças que têm pais que utilizam dessa forma de criação, tendem a ser mais satisfeitas, autoconfiantes, autoafirmativas, autocontroladoras e exploradoras. Já filhos que têm pais que executam a parentalidade autoritária, na qual a prioridade é a obediência, o controle e a avaliação inflexível, com a utilização de métodos punitivos para atribuir limites; tendem a ser mais introvertidos, aborrecidos e têm mais dificuldade em confiar (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

### **6.6.5 Esclarecimento de regras**

De forma geral, os casais procuram sempre explicar o porquê das regras, mesmo para os filhos pequenos. O esclarecimento de regras é fundamental, visto que, as crianças são seres

em desenvolvimento e devem ser capazes de, futuramente, construir um composto de ideias e significados sobre si, sobre o mundo e sobre o relacionamento com as outras pessoas, designando um modelo interno de experiência. Tendo isso em vista, a família é um alicerce sociocultural, sendo responsável por inserir a criança em seu contexto cultural. Esta, estando inserida na família, se identificará e se desenvolverá como sujeito único. (BEE; BOYD, 2011; SCHOLZ *et al.*, 2015).

Isso posto, destaca-se o que foi trazido por P10:

*[Conversar com as crianças] Isso aí é graças a uma psicóloga que tem aqui em casa, né, então ela me ensinou que tudo é explicado, então a gente explica... eles olham pra nossa cara e não estão entendendo nada, mas a gente explica... agora eles entendem muito bem [...] 1 ano e 9. Então assim, é tudo combinado, eles fingem que não estão escutando, mas eles estão eles tão prestando atenção e escutando sim. Então tudo que a gente fala, a gente percebe que eles estão prestando atenção. E, agora eles tão na fase de repetir, então eles repetem tudo [...]. Tem que explicar tudo pra eles o porquê das coisas (sic).*

Por fim, é importante salientar o que foi destacado por P2, sobre o motivo de explicar o porquê das regras e combinados aos filhos: *“Mas a gente sempre procura contextualizar para nunca gerar o desconforto do “sou melhor ou sou pior” (sic).*

## **6.7 Expectativa sobre o futuro dos filhos**

Em conformidade com a pré-análise (BARDIN, 2016) dos dados coletados, foi possível identificar as seguintes subcategorias ao que concerne às expectativas dos pais com o futuro dos filhos: Papel social; Papel profissional; Papel cultural; e Papel parental.

Nessa categoria, não foram observadas divergências em relação à participante (P7) com menor nível socioeconômico, que, assim como às demais mães, almeja pela liberdade dos filhos: *“A gente espera que eles sejam uma pessoa do bem, que não faça maldade pra ninguém... o que eles quiserem ser, eles vão ser” (sic).*

### **6.7.1 Papel social**

De forma geral, foi possível perceber que as mães esperam a felicidade dos filhos, independentemente de escolhas e tomada de decisões mais direcionadas, como apresentado por P3: *“Eu quero que eles sejam pessoas do bem, independentes. Independente das escolhas que eles fizerem, a gente vai estar aqui pra apoiar” (sic)* e P5 *“Penso mais nessa questão deles serem boas pessoas, serem honestos, fazer as coisas honestamente, terem bons amigos, tenham saúde” (sic)*; agregando à ideia de Papalia e Feldman (2013) acerca das vontades e

pensamentos próprios dos filhos, apesar das influências de seu primeiro meio social: a família.

No que concerne ao convívio social, percebeu-se que as mães buscam em suas ações parentais, direcionar os filhos ao aprendizado de não se sobrepor aos outros para realização de benefícios próprios, demonstrando desenvolvimento da empatia; conforme a fala de P7: *“Então, só de crescer uma pessoa boa e não fazer maldade, não passar por cima do próximo já tá ótimo”* (sic). Tal afirmação assegura o que propõe Denham (1998 *apud* JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014) sobre o desenvolvimento da empatia, que funciona como fator protetivo à problemas de comportamento.

Práticas parentais radicais em relação ao gênero não foram observadas. P9 conta que absorveu alguns ideais feministas da criação da mãe, principalmente em relação à independência e trabalho. Hoje, reconhece que:

*Segui isso muito à risca [...] Eu sempre tive essa autonomia, essa coisa de mulher empoderada. Mas, às vezes, eu acho que a gente perde a mão. Eu passo pro Burnout, eu amo trabalhar. Chega a ser exagerado. Então, eu não quero embutir na G. isso deque ‘a mulher tem que ser independente’. O feminismo exagerado...acho que a gente tem que viver independente de seu gênero* (sic).

Assim, certifica o que propõe Diniz e Ramos (2015): “A transmissão transgeracional marca a experiência individual, relacional e social ao longo do ciclo vital. Afeta a promoção de bem-estar, ou seja, está diretamente ligada à qualidade de vida, à condição de saúde física e mental das pessoas”. Observa-se que a participante em questão dá um exemplo de descontinuidade do processo de transmissão de ideias pelas gerações, comparando os valores recebidos pela família e modificando-os para passar adiante.

Ainda em relação às expectativas sociais, o mesmo acontece na perspectiva dos pais, que prezam pela integridade dos filhos, em se importarem com o próximo, terem boa educação, responsabilidade afetiva e social, honestidade, autoconhecimento, capacitados para tomarem boas decisões e serem independentes como diz P6: *“Eu acho que o mais importante é você criar seus filhos para serem bons seres humanos”* (sic); P10 *“[...] Que eles sejam bem-educados, que eles participem da sociedade consciente das responsabilidades deles, que eles cumpram as leis”* (sic); P4 *“[...] Sejam honestos, é uma questão também que é inegociável pra mim, é a questão da honestidade* (sic) e P2: *“Ainda que a sociedade diga pra vocês que ter é mais importante, ser é mais importante, por isso se conhecer é melhor”* (sic).

Aspectos relacionados ao cumprimento de leis e religião também surgiu como fator influenciador na visão do futuro social dos filhos, conforme P4: *“Ai eu também me apego a questões religiosas, mas eles podem seguir aquilo que eles acharem mais convenientes pra eles. [...] Essa questão do uso de drogas é inegociável”* (sic).

### 6.7.2 Papel profissional

Foi possível identificar mudanças na imposição de carreira aos filhos, sendo o desejo das mães que atuem onde serão felizes e com maiores habilidades, como apresentado por P1:

*Eu não desejo nada, assim, de falar: ‘ah, quero que você seja médico, professor, administrador, empresário...’ não tenho essa ambição com eles não. Eu acho que eles tem que seguir o caminho que eles acham que tem habilidades, que seriam felizes... Fazer o que a gente gosta é o que importa” (sic).*

Também foi observado modificações do paradigma da mulher enquanto cuidadora do lar, visto que as mães esperam que ambos os filhos de ambos os gêneros sejam pessoas independentes financeiramente, com possibilidade de buscarem novos conhecimentos, conhecerem novas pessoas e novos lugares, conforme P3 *“Em relação a profissão eu não vou direcionar não, mas eu quero que eles sejam independentes, que não dependam de ninguém. Quero que eles façam intercâmbio, conheçam outros horizontes, saiam dessa realidade daqui, acho isso muito importante” (sic)* e P9:

*Eu quero que eles sejam livres! [...] Eu quero alma livre! Eu quero que eles sejam soltos, quero que eles viajem, quero que eles conheçam o mundo, quero que eles façam intercâmbio. [...] Quero que eles façam inglês, que eles conheçam gente [...]. Então eu quero muito que eles vão fazer faculdade, sei lá, na Alemanha (sic).*

A busca por essas práticas parentais igualitárias sustenta o que propõe Negreiros e Féres-Carneiro (2004), delimitando um novo modelo familiar mais fluido, permeável, oferecendo oportunidade para uma nova configuração familiar.

Foi possível perceber, como dito pelo participante P6, a visão profissional do filho atrelado à personalidade e habilidade dos mesmos:

*A E. você já percebe nela um perfil comercial. Eu acho que mesmo com as áreas aí de saúde ou humanas também, eu acho que ela vai se destacar na questão comercial [...]. O G. eu já percebo nele assim, é... ele sobe, escala com facilidade, tem equilíbrio. Então eu acho que ele pode se dar bem em alguma área de saúde física talvez, não sei (sic).*

A respeito da influência do nível socioeconômico na visão sobre o futuro dos filhos, participantes que não possuem nível superior completo, almejam que os filhos, além de boas pessoas, sejam capazes de desempenharem algum papel profissional no futuro, como diz P8: *“A gente espera que assim, como que eu te falo, pelo menos se espelhem na gente né. Que sejam boas pessoas, que estudem pra poder ter uma profissão pra ter um futuro melhor, respeitar as pessoas” (sic)*. Porém, o mesmo aconteceu com P4: *“Espero é que eles se formem” (sic)*. Dessa forma, pode-se dizer que o nível socioeconômico não influenciou de

forma significativa no papel profissional.

Outro aspecto relevante, foi a tentativa de buscarem por não projetarem nos filhos seus próprios desejos, apesar de imaginarem um modelo padrão como diz P10:

*A gente tenta não projetar neles nossas frustrações, nossos desejos, mas é impossível [...] Se eu puder escolher, a G. uma médica, o B. um engenheiro, mas tô puxando para o lado da minha vontade, jamais vou forçá-los a escolher, mas eu ficaria bem feliz se fosse mais ou menos isso (sic).*

Desse modo, de acordo com Diniz e Ramos (2015), transmissão transgeracional vem sendo um descontínuo processo, que abarca variação entre a comparação, a adaptação e a modificação; para auxiliar no processo de compreensão das configurações do modelo familiar.

### 6.7.3 Papel cultural

Os aspectos culturais foram identificados em apenas uma entrevista. Foi possível perceber que ambos os gêneros são incentivados a apreciarem áreas artísticas, como proposto pela participante P9 sobre o filho homem: *“Eu quero que ele estude, que ele entenda de arte” (sic).*

### 6.7.4 Papel parental

Não foi possível identificar, de forma geral, delimitações específicas com expectativa aos futuros parceiros (as) dos filhos (as) em relação a perspectivas das mães. Porém, em ambas as entrevistas, foi identificado desejo de que estejam felizes ao lado de boas pessoas, conformedisse P5: *“Como mãe o que eu mais penso é que tenha saúde, que eles sejam felizes no que eles quiserem e nossa, peço pra Deus colocar pessoas boas no caminho deles” (sic).*

Os pais buscam pela mesma realização do ideal proposto pelas mães. Contudo, P4 revelou desejo de que se cumpra o papel parental: *“[...] que casem, tenham filhos. [...] Eu espero que ele namore normalmente e case, né? da mesma forma que ela, eu espero e a gente meio que direciona pra isso” (sic)*, mas ressalta a “normalidade”, provavelmente se referindo à heterossexualidade. Isso vai de encontro ao proposto por Butler (1990/2013) de que a sociedade institui normas intangíveis, sendo que a identidade é efeito das práticas discursivas, que reforçam um sistema de heterossexualidade compulsória. Negreiros e Féres-Carneiro (2004), referem que mulheres compreendem melhor a concepção dos ideais igualitários, rompendo com os padrões, possibilitando mudanças mais significativas.

Por fim, conforme Goetz e Vieira (2009), percebe-se na dinâmica familiar atual, os papéis sociais esperados para os filhos baseados também na inserção do pai nessa interação, processo que contribui para melhor compreensão desse sistema.

## 6.8 Aprimoramento de práticas

Nesta categoria, serão apresentadas subcategorias que envolvem ações educativas à serem melhoradas, baseado nas práticas parentais das mães e dos pais. São elas: Qualidade de tempo; Assertividade; Afetividade; Desenvolvimento, saúde e pandemia.

### 6.8.1 Qualidade de tempo

Percebe-se que, na maioria dos casais, a mãe é a figura que mais está com os filhos. Porém, mães que exercem atividade profissional fora de casa autoavaliam a necessidade de exercer melhor o papel maternal com os filhos, como diz P9: *“principal aspecto que eu poderiamelhorar é estar mais presente com eles durante a semana” (sic)*.

Foi possível perceber que alguns pais também reconhecem a necessidade de dedicar mais tempo aos filhos, como P8 *“Eu passo pouco tempo com eles. [...] Queria me dedicar mais às brincadeiras, passeios, essas coisas” (sic)* e P10 *“Eu acabo ficando pouco com eles. [...] Então eu gostaria de melhorar. Eu falo na terapia que eu quero ser melhor pros meus filhos, mas pra isso preciso ser melhor pra mim mesmo” (sic)*.

Destarte, percebe-se que a ausência dos pais no cotidiano das crianças pode gerar algumas dificuldades na educação dos filhos, já que, a autoridade passa a ser dividida com outras funções, como a escola, a televisão ou a internet (SCHOLZ, *et al.*, 2015)

### 6.8.2 Assertividade

Ao refletir sobre as condutas educativas direcionadas aos filhos, apesar de ser perceptível práticas menos autoritárias referentes as punições físicas, as mães, em geral, ainda trouxeram aspectos relacionados à melhoria de maior dedicação à comunicação com amor, carinho e paciência; como disse P1 *“Eu acho que eu tenho que trabalhar esse lado, de tentar conquistar eles com mais amor, mais carinho, mais diálogo” (sic)* e P7 *“Eu sou muito nervosa e preciso parar de gritar. [...] Tentar conversar ao invés de ficar gritando” (sic)*.

Os pais falaram sobre a necessidade de possuir mais paciência na comunicação, como

diz P6 “*A E. faz alguma pergunta e a gente dá uma mal resposta. Então acho que preciso melhorar nesses aspectos*” (sic) e P4 “*eu acho que não é o correto gritar, mas eu tenho me policiado mais e isso tem ocorrido menos. [...] Eu acho que eu posso caminhar pra essa autoridade de uma maneira mais sutil, sem precisar me alterar assim*” (sic).

Portanto, diante de práticas mais autoritárias ou mais flexíveis, destaca-se o que discorre Papalia e Feldman (2013) sobre o desenvolvimento e práticas parentais democráticas, que buscam considerar a competência de instrução dos pais aos filhos, considerando os interesses subjetivos das crianças.

### 6.8.3 Afetividade

Em conformidade, apesar da percepção de mudança nos hábitos transgeracionais, às mães, figura que comumente passa maior parte do tempo com os filhos, queixaram-se da necessidade de maiores demonstrações de carinho e afeto; como P1, que possui percepções autoritárias sobre si mesma: “*Acho que eu não tenho muita maneira de falar, eu não sei cobrar com amor. Eu já sou rígida mesmo*” (sic).

Em contrapartida, mães que possuem percepção sobre si mesmas como mais flexíveis, queixam-se da necessidade de possuir mais autoridade com os filhos, como P3: “*Então eu poderia ser mais firmes com eles*” (sic).

A preocupação e o reconhecimento sobre a importância do oferecimento de tempo e carinho às crianças também foi reconhecido em ambas as entrevistas dos pais, o que afirma o que propõe Amazonas e Braga (2006), que papéis antes considerados maternalizantes, hoje também dependem da inserção do pai.

### 6.8.4 Desenvolvimento, saúde e pandemia

Durante o período de pandemia do novo Coronavírus, foi possível perceber certa dificuldade dos pais para exercerem suas funções educativas, baseados nos aspectos que consideram corretos e incorretos, já que esta atrapalhou muitas possibilidades de desenvolvimento, sendo a principal delas, o convívio social, como diz P6: “*O desenvolver na pandemia, ele se tornou um obstáculo ainda maior. A convivência com outras crianças é quase zero. A gente percebe um desenvolvimento abalado um pouco*” (sic); P4: “*A gente saía muito né, íamos em parques, shopping, então a pandemia tem atrapalhado muito essa questão social.* P3 esclarece:

*[...] A gente fez um combinado de que não íamos mais sair na rua e a gente não sai na rua até hoje. Então assim, as crianças aqui do condomínio ficam na rua e meus filhos não, então as vezes é por isso que eu não controlo muito o uso da internet, porque eu sinto que eu tô privando eles de estar na rua, então deixo eles ficarem mais na internet, sabe? Eu sinto que eles estão sendo punidos, por isso eu sou mais flexível. Mas assim, eu acho que é isso, pra melhorar eu teria que mudar e eu não sei se eu conseguiria, mas as vezes eu tento (sic).*

Dessa forma, fica evidente o que discorre Zimmermann e Curtis (2020 apud LINHARES; ENUMO, 2020) sobre a necessidade de atenção dos cuidadores com a disponibilização de recursos sociais às crianças, visto que elas podem se prejudicar de forma significativa por terem sido privados do que colabora para o desenvolvimento interno: a socialização.

Isto posto, as mães e os pais mostraram-se queixosos por disponibilizarem, durante esse período, mais tempo de acessibilidade às telas, o que tem prejudicado a socialização, como disse P5: *“Então na pandemia, aprendeu a jogar no computador, [...] eu comecei a dar o celular pra ele” (sic)* e P4: *“Mas acabou que nós percebemos que eles acabaram aprofundando o jogo, no videogame, no celular, porque só ficavam dentro de casa” (sic)*; sendo uma possível característica de um contexto caótico pela irregularidade da rotina, que precisou passar por adaptações (LINHARES; ENUMO, 2020).

Deste modo, o sentimento de culpa permeou às entrevistas por tal decisão tomada, especialmente às mães que possuem ocupação na área da saúde, como dito pela participante P5:

*Eu acho que essa questão dele dos movimentos estereotipados, a questão da pandemia, atraso de fala, eu vejo como que foi uso excessivo de tela também né [...]. É minha área né, então a gente se culpa mais. [...] Esses dias eu escutei [...] “ah mas como assim, nunca vi filho de fono não falar (sic).*

Em conformidade, foi possível perceber, como propõe a neurocientista Eliot (2013), que apesar de meninos e meninas não apresentarem diferenças significativas enquanto bebês, estatisticamente, meninos apresentam maiores chances de desenvolverem transtornos do neurodesenvolvimento; enquanto meninas estão mais dispostas a transtornos emocionais, como disse P5: *“Com a pandemia, que mudou aula online, ela me deu um pouco de trabalho, ela começou a ter crise de ansiedade” (sic).*

Já os pais queixam-se do controle quanto aos horários, consequência pelos filhos permanecerem mais tempo em casa por conta da pandemia, como diz P6: *“Agora que ela tá só em casa é mais difícil, ela quer ficar até mais tarde, dormir tarde, descontrola um pouco os horários” (sic)*; P8: *“Com essa pandemia, costumaram dormir tarde” (sic)* e P4: *“Quando veio a pandemia a gente perdeu muito a noção de horário” (sic).*

Ainda, pais perceberam a influência negativa da pandemia no desenvolvimento escolar, como dito por P4: *“O desempenho deles por conta da pandemia, ano passado eles ficaram sem escola, então deu uma boa queda” (sic).*

Portanto, foi possível analisar que, de acordo com os conceitos de micro, meso, exo e macrosistemas propostos por Bronfenbrenner (1989 *apud* BEE; BOYD, 2011), além da família, ambientes proximais e distais das crianças também sofreram prejuízos com a chegada da pandemia, especialmente a escola e conseqüentemente o desenvolvimento cognitivo e social das crianças; e ainda, as readaptações e conciliações da família com os cuidados das crianças e execução do trabalho. Os prejuízos na aprendizagem formal, nas interações sociais, no convívio familiar; foram identificados, como discorre Linhares e Enumo (2020).

## **6.9 Identificação específica com determinado gênero**

Por fim, nesta última categoria, serão apresentados aspectos relacionados a identificação ou não dos pais com alguns dos gêneros dos filhos, nas seguintes subcategorias: Personalidade próxima a dos pais; Percepção (filhos) – diferenças afetivas; Comportamento facilitador; e Feedback positivo dos filhos.

### **6.9.1 Personalidade próxima a dos pais**

Diante da fala de P8, foi possível perceber expectativas quanto ao nascimento das filhas, especialmente a que possui personalidade parecida com a do pai, jeito de ser e aspectos relacionado ao apego. Diz P8: *“Quando minha esposa engravidou agora da menina de 11, eu ainda preferi que fosse menina sabe. [...] Ela é tipo assim, mais apegada comigo. Parece que o jeito dela é meu sabe?! Até a aparência parece um pouco sabe. No jeito de ser, eu vejo né” (sic).*

Outro aspecto percebido foi em relação a identificação dos pais com os filhos, que possuem o mesmo gênero que o seu; por demandar cuidados mais próximos daquilo que já está acostumado, como propõe P10:

*O B. a identificação com ele já foi desde que ele nasceu, desde pequenininho... eu não sei, pode ter uma certa influência. É muito mais fácil pra mim, cuidar dele, limpar ele, por ele ter pipi eu sei como tem que fazer, como tem que limpar, então me sinto mais seguro. [...] Desde pequenininho, recém-nascido ele ficava muito comigo, não tinha o colo da mãe também 100%. A relação com a G. foi mais construída e com o B. foi algo desde o começo, afinidade bem grande (sic).*

Tal discurso assemelha-se ao que discorre Papalia e Feldman (2013), sobre o movimento de identificação de gênero, processo denominado de tipificação de gênero, quando desde cedo, a personalidade dos filhos é moldada conforme culturalmente se adequa. Para as autoras, o pai geralmente identifica aspectos do mesmo gênero que o seu, relacionando as brincadeiras e diversão ao filho homem, enquanto associam a sensibilidade a filha mulher.

Em contrapartida, observou-se flexibilização no que propõe Goetz e Vieira (2009) sobre os cuidados físicos relacionar-se ao papel da mãe, visto que, tais cuidados também compõem parte dos cuidados dos pais atuais, funcionando ainda como facilitador de suas identificações.

Nos demais participantes, não houve identificação com um dos gêneros em suas falas, como dito por P2: *“Como cada um tem a sua individualidade, o seu ego e a sua característica de personalidade então não tenho [identificação]... existem situações, existem contextos em que um tem uma certa desenvoltura, o outro uma outra, então assim, é difícil dizer, mas não tenho não” (sic).*

### **6.9.2 Percepção dos filhos sobre diferenças afetivas**

Foi possível perceber ao longo das análises, o posicionamento de um dos filhos sobre as demonstrações de carinho dos pais com o irmão, como disse P1: *“Às vezes ela me cobra, teve um momento que eu e o R. estávamos rindo e ela falou assim: “Oh, mãe, fica claro pra mim a sua preferência pelo R” (sic)* e P6: *“Eles têm ciúmes. “Ah porque comprou roupa só pro G., não comprou pra mim. [...] Ela sente que ele atrapalhou os planos dela” (sic).*

Dessa forma, conforme Goetz e Vieira (2009), percebeu-se como a criança é capaz de observar e desenvolver suas percepções sobre seu microcontexto familiar, considerando aspectos relacionados ao afeto, às condições financeiras, os cuidados físicos; colaborando para a idealização do pai real, como discorre os autores.

### **6.9.3 Comportamento facilitador**

Houve ainda demonstrações de facilidade ou dificuldade na execução das práticas parentais conforme a identificação dos comportamentos dos filhos, como disse P9: *“Com o B. eu tenho uma identificação maior com o padrão de comportamento dele, então é mais fácil. Eusei como agir...Pra agradá-lo eu reforço, fico torcendo por ele, falando o nome dele, porque eu sei que isso vai agradá-lo. A G. eu não sei muito” (sic).*

Conforme Bee e Boyd (2011), a percepção de diferenças de temperamento pelos pais pode influenciar suas respostas ao comportamento dos filhos e ser prejudicial às relações, uma vez que se percebe, de certa maneira, a influência dos estereótipos que associam a menina ao comportamento mais passivo e o menino mais ativo.

#### **6.9.4 Feedback positivo dos filhos**

Diante dos modos de inserção dos filhos no mundo e de suas personalidades, notou-se a maneira com que ocorre feedback dos filhos em relação às mães ou aos pais, principalmente, à medida que o cuidador se ausenta por um período do dia, como propõe P9: *“Quando eu chego ao consultório, o B. sai correndo pra me abraçar, gritando ‘mamãe’. Eu sinto um feedback maior. A G. fica na dela e ela manifesta mais insatisfação. É claro, a culpa bate em mim. [...] O feedback do B. é mais imediato” (sic).*

Foi possível perceber que a forma de se comportar dos filhos, quando igualados aos pais, é favorecedora para os cuidados a serem exercidos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é primeiro meio social que um indivíduo adentra no decorrer de seu desenvolvimento. Sua influência atua diretamente sobre os demais contextos que a criança participa e também sobre seu desempenho em cada um deles. Sua função modeladora, de caráter geracional farão com que a criança internalize padrões culturais e estabeleça vínculos significativos para o seu desenvolvimento (DINIZ; RAMOS, 2015; FREITAS; PICCININI, 2010).

Por abranger diversos aspectos de difícil controle, estudar as práticas educativas parentais demanda uma compreensão plural das inúmeras dimensões do sistema familiar. Vale destacar que os resultados deste trabalho são limitados, visto que as informações obtidas se referem ao entendimento de um contexto histórico-cultural específico, sem o controle de circunstâncias familiares, como o nível educacional e socioeconômico dos genitores.

Uma vez que apenas uma participante possuía Ensino Fundamental Incompleto, foi possível observar a influência das variáveis socioeconômicas nos dados das entrevistas. Nesse sentido, a caracterização sociodemográfica foi considerada como um fator importante a ser analisado nas práticas parentais. O nível educacional e econômico se mostrou influente na qualidade das informações fornecidas, na riqueza de detalhes das respostas, bem como no nível de consciência parental. É importante ressaltar que o nível de escolaridade não foi adotado como critério de inclusão no estudo.

Com falas indicativas de baixo repertório socioemocional, foi possível constatar que a mãe com menor nível de instrução também apresentou menor reflexão sobre as próprias práticas parentais, com condutas educativas mais “automáticas”, principalmente em relação à manutenção da “cultura do grito” e da punição, muito enraizadas nas gerações anteriores. Já as mães com cursos de graduação/pós-graduação completos apresentaram maior nível de consciência, no que concerne a criação dos filhos. Práticas de supervisão, estabelecimento de limite assertivo mais igualitário aos gêneros foram identificados com mais frequência.

Considerando a questão de gênero na dinâmica familiar contemporânea, de forma geral, foi possível constatar que, a delimitação de papéis e expectativas sociais para cada gênero vem se tornando cada vez menos rígidas ao decorrer das gerações. Contudo, ainda são identificadas incoerências e dificuldades de adaptação às novas conjunturas sociais, pois padrões de gênero enraizados culturalmente são facilmente reforçados pela família, de forma involuntária. Negreiros e Féres-Carneiro (2004), apontam a coincidência de paradigmas do “antigo” e do

“novo modelo” na família contemporânea, sendo o primeiro caracterizado pela tradicionalidade e rigidez, enquanto o segundo é marcado pela diversidade, fluidez e igualdade. Essa coexistência pode fomentar tensões geracionais e identificatórias na assunção de papéis de gênero. Todavia, as gerações estando cada vez com maior acesso à informação, avançam para a busca de igualdade de gênero.

Ainda há poucas evidências em pesquisa sobre o convívio familiar e as práticas parentais, considerando o gênero dos pais e dos filhos, principalmente em relação aos efeitos na educação à longo prazo, que considerem as mudanças socioemocionais durante o desenvolvimento, o que denota a necessidade de mais estudos transversais sobre o tema.

Em relação às formas de tratamento dos filhos, em um primeiro momento, os pais negaram diferenças. Posteriormente, demonstram que, embora busquem oferecer apoio igualitário, identificações específicas são comuns, principalmente com o filho homem, o que indica a valorização social masculina, ainda com fortes representações familiares.

No que concerne às práticas parentais contemporâneas, conclui-se que ambos os pais estão mais implicados e participativos na criação saudável dos filhos, preocupando-se mais com questões do desenvolvimento socioemocional, diálogo, acolhimento, autoridade assertiva e supervisão, tendo a criança como protagonista de sua história.

Faz-se fundamental entender os padrões familiares, visto que constituem a construção do indivíduo. Nesse sentido, é importante que os cuidadores se reconheçam nessa interrelação e operem de modo positivo e saudável, contribuindo para um desenvolvimento mais harmonioso dos filhos (MAIA; SOARES, 2019, p. 61).

Cabe ressaltar o que foi proposto por Eliot (2013), de que ao longo do desenvolvimento, todas as crianças, independente do gênero, têm períodos fáceis e difíceis, potencialidades e vulnerabilidades. Compreender as práticas parentais e suas diferenças através da questão de gênero pode auxiliar os pais e educadores a aprender a equilibrá-las desde cedo, criar e ensinar crianças melhores, desenvolvendo pontos fortes e contornando dificuldades. Basicamente: “dar oportunidades iguais aos dois sexos e, em última análise, fazer aflorar o melhor em cada criança” (ELIOT, 2013, p. 27)

Conclui-se que este estudo cumpre os objetivos inicialmente propostos acerca da compreensão das práticas parentais em relação a gênero/pais e filhos e geração, ressaltando-se a presença de práticas parentais mais igualitárias entre os gêneros em comparação às gerações passadas.

## REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Revista Àgora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 177-191, jul./dez. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000200002>. Acesso em: 17 set. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEE H; BOYD D. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BOECKEL, M. G.; SARRIERA, J. C. Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v.16, n. 3, p. 53-65, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/2012**. 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 22 mar. 2021.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BUTLER, J. Por uma leitura cuidadosa. In: BENHABIB, S.; BUTLER, J.; CORNELL, D.; FRASER, N. **Debates feministas: Um intercâmbio filosófico**. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 18-213.
- CASTRO, R. **A Necessária Reflexão sobre a Cultura Patriarcal na Era da Globalização**. V ENECULT, UFBA, Salvador, 2009.
- CELOVANE L. *et al.* Desenvolvimento humano: um esboço da perspectiva de Jean Piaget. **Revista Dimensão Acadêmica**. Espírito Santo, v. 2, n. 1, 2017, p. 63-77. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/revista-dimensao-academica-v02-n01-completa.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.
- DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-231. Brasília, 2000. Acesso em 14 Set 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300005>. Acesso em: 26 out. 2021.
- DINIZ, G.; RAMOS, D. Gênero e geração: perspectivas de mulheres de três gerações sobre a vida familiar. In: STRAY, M. N.; VERZA, F.; ROMANI, P. F. **Gênero, Cultura e Família: Perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015, p. 81-106.
- ELIOT, L. **Cérebro Azul ou Rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, A. P. C. O.; PICCININI, C. A. Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 27, n. 4, p. 515-528, dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000400009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000400009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 mar. 2021.

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. **Estudos de Psicologia**, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 195-203. Campinas, 2009. Acesso em 14 Set 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200007>. Epub 17 Jul 2009. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200007>.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais (IEP), modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUSTO, A. R.; CARVALHO, J. C. N.; KRISTENSEN, C. H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 510-523, jun. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 05 abr. 2021.

LAKATOS E. M.; MARCONI M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÃO M. A. B. G.; SOUZA Z. R.; CASTRO M. A. C. D. Desenvolvimento humano e teoria bioecológica: “O contador de histórias”. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 341-348, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192846>. Acesso em: 12 mar. 2021.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Acesso em: 01 out. 2021.

MAIA, F. A.; SOARES, A. B. Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 59-82, 7 jun. 2019. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p59>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MARTINS J.; BICUDO M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. 1. ed. São Paulo: MORAES LTDA, 1989.

MARTINS E.; SZYMANSKI H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Revista Quadrimestral Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-77, Janeiro, 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006). Acesso em: 12 mar. 2021.

MASCARENHAS S. A. **Metodologia Científica**. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2012.

MATA A. A. *et al.* Impacto da pandemia de covid-19 na saúde mental e crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p. 6901-6917, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n1-466>. Acesso em: 27 out. 2021.

MATA I. R. S.; DIAS L. S. C.; SALDANHA C. T.; PICANÇO M. R. A. As implicações da pandemia da covid-19 na saúde mental e nos comportamentos das crianças. **Residência Pediátrica**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/643/as%20implicacoes%20da%20pandemia%20da%20covid-19%20na%20saude%20mental%20e%20no%20comportamento%20das%20criancas>. Acesso em: 27 out. 2021.

MEIRELES C. M. **Crescer em pandemia**: implicações do confinamento no ajustamento socioemocional das crianças e jovens. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, 2020.

MOTTA D. C. *et al.* Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jKWsWFRnXHVy3bbThMbx8Kd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2021.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 mar. 2021.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013.

PIOVESAN J. *et al.* **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. 1. ed. Santa Maria: Núcleo de Tecnologia Educacional, 2018.

RAMOS, D. S. **Gênero e Geração**: Permanências e Mudanças na Condição Feminina. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SAMPAIO, I. T. A.; VIEIRA, M. L. A influência do gênero e a ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. **Psicol. Reflexo. Crit.** Porto Alegre, v. 23, n. 2, pág. 198-207, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 mar. 2021.

SAMPAIO, I. T. A.. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 144-152, ago. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822007000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 04 fev. 2022.

SAMPIERI R. H.; COLLADO C. F.; LUCIO M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTIAGO D. E., et al. O grafismo da criança como representação dos estágios de desenvolvimento e da inteligência infantil. **ConexãoLine – Revista Eletrônica do Univag**, Assis, n. 22, p. 80-89, jul. 2020. Disponível em <https://periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/1526/1651> Acesso em: 16 mar. 2021.

SAX, L. **Por que gênero importa?**. 1. ed. São Paulo: Editora Lvm, 2019.

SCHMIDT B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19). **Estud. Psicol**, Campinas, v. 37, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 27 out. 2021.

SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 11–27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 26 out. 2021.

SILVA, A. C. P. *et al.* Effects of the COVID-19 pandemic and its repercussions on child development: An integrative review. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. e50810414320, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14320>. Acesso em: 27 oct. 2021.

SILVA, N. C. B. *et al.* Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 mar. 2021.

SCHOLZ, A. L. T. *et al.* O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 44, p. 15-22, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372015000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 out. 2021.

STAKE R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. 1. ed. Porto Alegre:Penso, 2011.

STREY, M. N. Histórias de vida para compreender o gênero na família e na cultura. In: STRAY, M. N.; VERZA, F.; ROMANI, P. F. **Gênero, Cultura e Família: Perspectivas Multidisciplinares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015, p. 12-24.

TIRADENTES, C. P.; SANTOS K. S.; LOPES R. A. S. Neurociências e desenvolvimento cognitivo: implicações para a educação. **Revelli**. Goiás, v. 10, n. 4, p.83-100, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6455>. Acesso em: 26 out. 2021.

XAVIER, A. S.; NUNES, A. I. B. L. **Psicologia do Desenvolvimento**. 4. ed. Fortaleza: Uece, 2015.

## **APÊNDICE A-** Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar de um projeto de pesquisa intitulado “**A compreensão das práticas parentais a partir do gênero dos pais e dos filhos: um estudo qualitativo**”, realizado pelas alunas Ana Laura Achê, Geovanna Pironelli Viana e Júlia Ferreira de Menezes, sob orientação da Profa. Dr<sup>a</sup> Gisele Machado da Silva Carita, como trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá.

O presente estudo tem como objetivo compreender as práticas parentais envolvendo condutas educativas e disponibilização de recursos afetivos e práticos, considerando o gênero de pais e filhos. Acreditamos que a pesquisa é importante, visto que a questão de gênero é um tema bastante delicado e que, por muito tempo, foi pouco discutido devido às ideologias socioculturais. Ainda hoje, são escassos os estudos envolvendo e correlacionando gênero/ordem de nascimento às respostas dos pais ao comportamento dos filhos. Assim, buscamos fortalecer a literatura e enriquecer os conhecimentos sobre o tema.

Se você aceitar participar voluntariamente, você responderá a algumas questões sobre a percepção das suas práticas direcionadas aos seus filhos e sua forma de criação. Considerando os protocolos de segurança, a entrevista será online, por videochamada. Acreditamos que você levará aproximadamente 60 minutos para participar desta pesquisa e sugerimos que você a faça em um lugar em que se sinta confortável.

Acredita-se que o risco ao participar dessa pesquisa é mínimo. Você poderá sentir um desconforto e/ou constrangimento ao responder algumas questões que mobilizem aspectos emocionais negativos. Nesse caso, você poderá não responder à questão e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente. Além disso, solicitamos que se isso acontecer você entre em contato conosco para que possamos orientá-lo e esclarecê-lo sobre os temas que gerarem desconforto ou busque a clínica escola de Psicologia da Barão de Mauá para suporte, caso seja necessário. Nossos contatos estão disponíveis no final deste termo de consentimento.

Como benefícios diretos de sua participação nesta pesquisa, estão a possibilidade de expressão de sentimentos, reflexão sobre a realidade familiar, ressignificação de vivências, e possíveis encaminhamentos, caso necessário. Indiretamente, ao compreendermos as práticas parentais a partir do gênero, poderemos ajudar profissionais e famílias no futuro, pois

saberemos mais sobre o tema no cenário brasileiro. Isso pode contribuir para uma reeducação referente a qualidade das relações familiares e desenvolvimento saudável das crianças.

Sua participação neste estudo é voluntária (não obrigatória) e não envolve nenhum custo ou despesa para você, como também não haverá nenhum pagamento pela sua participação. Você ainda poderá desistir de participar desta pesquisa e retirar o seu consentimento a qualquer momento, não lhe acarretando nenhuma penalização e/ou prejuízo.

Caso considere necessário algum tipo de esclarecimento, em qualquer momento durante o curso da pesquisa, a respeito dos objetivos, procedimentos e resultados, os pesquisadores se colocam à disposição para quaisquer informações. Você poderá ainda realizar contato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), um órgão que tem a função de zelar pela proteção e direitos de participantes de pesquisa. Para questões que os pesquisadores não estiverem aptos a resolver, você pode entrar em contato com o CEP por e-mail [cepbm@baraodemaua.br](mailto:cepbm@baraodemaua.br) ou telefone (16)3603-6644, de segunda e sexta-feira, das 14h00 às 17h00 ou de terça, quarta e quinta-feira, das 7h30 às 13h00. O CEP está localizado na Rua Ramos de Azevedo, nº 423, sala 38, Jardim Paulista - Ribeirão Preto/SP.

Os dados obtidos com a pesquisa serão utilizados apenas para fins estritamente científicos. A sua divulgação poderá ser feita em eventos científicos e publicações de meios especializados. Por esta razão, as informações obtidas nesta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação, sendo sua identidade (nome e sobrenome) mantida em anonimato em todas as etapas da pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos da pesquisa, a forma que participarei, os riscos e benefícios da minha participação, bem como os direitos, garantias e liberdades que me foram oferecidas. Estou ciente de que os pesquisadores me convidaram para participar porque o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário Barão de Mauá e atende aos requisitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

**Caso concorde com a sua participação na pesquisa, clique no link <https://forms.gle/4eYJkdrBeMszXagX9>, em seguida em “aceito” e insira seu e-mail para receber uma via desse termo de consentimento assinado.**

**Pesquisadoras**

---

Nome: Ana Laura Achê

E-mail: [anaache18@gmail.com](mailto:anaache18@gmail.com)

Telefone: (16) 99120-3535

---

Nome: Geovanna Pironelli Viana

E-mail: [gege.pironelli@hotmail.com](mailto:gege.pironelli@hotmail.com)

Telefone: (16) 99136-3995

---

Nome: Júlia Ferreira de Menezes

E-mail: [jumenezes20@hotmail.com](mailto:jumenezes20@hotmail.com)

Telefone: (16) 99164-3585

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Gisele Machado da Silva Carita

Docente do curso de Psicologia

E-mail: [gisele.silva@baraodemaua.br](mailto:gisele.silva@baraodemaua.br)

Telefone: (16) 991752122

Pesquisadora responsável - Centro Universitário Barão de Mauá

**APÊNDICE B-** Roteiro de entrevista semiestruturada**Caracterização sociodemográfica:**

1. Qual a sua idade?
2. Qual o gênero que você se identifica?
3. Qual a sua etnia?
4. Você foi criado por ambos os pais?
5. Você tem irmãos?
6. Qual o seu estado civil?
7. Qual é o seu nível escolar?
8. Qual sua profissão?

**Perspectiva dos entrevistados sobre o tema de pesquisa**

1. Como você percebe seus filhos?
2. Como você percebe as suas ações educativas direcionada aos seus filhos?
3. Vocês têm regras ou combinados? Vocês explicam o porquê desta regra? Essas regras são iguais tanto para o menino, quanto para a menina?
4. As crianças têm obrigações ou deveres domésticos a serem cumpridos? Quais as obrigações de cada um?
5. Quais as formas de estabelecer os limites direcionadas a cada um de seus filhos?
6. Quais as principais dificuldades encontradas nesse cuidado?
7. Você percebe diferenças nas práticas direcionadas para o menino e a menina?
8. Quais papéis você espera que cada um seja capaz de desempenhar no futuro? Quais papéis para a menina e quais para o menino?
9. Você percebe diferença entre as suas práticas para educação e cuidado e as práticas desenvolvidas pelos seus pais?
10. Você acredita que poderia melhorar algum aspecto?

## ANEXO A – Parecer do comitê de ética

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS A PARTIR DO GÊNERO DOS PAIS E DOS FILHOS: UM ESTUDO QUALITATIVO

**Pesquisador:** Gisele Machado da Silva Carita

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 45633221.5.0000.5378

**Instituição Proponente:** ORGANIZACAO EDUCACIONAL BARAO DE MAUA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.764.552

**Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1726440.pdf, Versão do Projeto:2, 14/05/2021).

**INTRODUÇÃO**

O enfoque desta pesquisa será o estudo da entidade familiar, a partir de uma variável específica (gênero dos pais e dos filhos), com o intuito de compreender a dinâmica das práticas parentais educativas. Segundo Gomide (2006), práticas parentais consistem em um esquema de métodos e recursos utilizados pelos adultos na criação de seus filhos. A soma dessas práticas determina o estilo parental do casal, definido como a forma de interação dos pais e filhos, mais ou menos consistentes. Referente aos estilos parentais, Baumrind, uma das pioneiras a desenvolver teorias a respeito dos estilos parentais, propôs três diferentes tipos de parentalidade: o estilo autoritário, estilo permissivo e estilo autorizante, discorrendo acerca da influência de cada um no comportamento das crianças, sendo o estilo autorizante o mais efetivo entre os outros dois modelos. (BOECKEL; SARRIERA, 2006). Mais à frente, Eleanor Maccoby e John Martin (1983, apud Papalia e Feldman, 2013), desenvolveram um quarto modelo de parentalidade: o negligente ou omissa. Vale destacar que ao longo do desenvolvimento, as crianças se constituem através de algumas variáveis que as influenciam, sendo a principal delas, a família. Deste modo, entender as práticas-educativas parentais

**Endereço:** RAMOS DE AZEVEDO  
**Bairro:** JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180  
**UF:** SP **Município:** RIBEIRAO PRETO  
**Telefone:** (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.764.552

possibilitará compreender a dinâmica familiar e suas especificidades, bem como analisar aspectos adequados ou não, que constituem o processo do desenvolvimento infantil (SILVA et al., 2008). Em conformidade, o modelo bioecológico de Bronfenbrenner e os estágios de desenvolvimento de Piaget orientarão a investigação da temática do estudo, diante da complexidade do assunto. De acordo com os resultados da pesquisa de Sampaio e Vieira (2010), em relação à perspectiva dos filhos sobre as práticas parentais, o Inventário de Estilos Parentais (IEP) revelou que as meninas parecem receber formas de tratamento diferentes pelo pai, em comparação com os meninos, experimentando mais práticas negativas. Os pesquisadores destacam que há constatação por outras pesquisas psicológicas de que os pais costumam investir mais nos meninos do que nas meninas, relembrando a posição histórica da subalternidade feminina. Sampaio e Vieira (2010), no que concerne ao relacionamento afetivo e apoio seguro entre pais e filhos, ressaltam, ainda, que as meninas veem mais a mãe como modelo de comportamento moral, enquanto os meninos revelam ser monitorados mais positivamente pelo pai. Essa diferença entre os gêneros parece reforçar a ideia da identificação sexual proposta por alguns autores, podendo ser fator facilitador de relações (CROUTER; MCHALE, 1995; KELLER; ZACH, 2002; LAMB, 1997). Contudo, há poucas evidências em pesquisa sobre o convívio familiar e as práticas parentais; sendo que, "os estudos relacionados às práticas educativas obtiveram um avanço a partir de 1970" (MAIA; SOARES, p. 61, 2019). Dessa forma, é fundamental entender os padrões familiares, visto que constituem a construção do indivíduo. Nesse sentido, é importante que os cuidadores se reconheçam nessa interrelação e operem de modo positivo e saudável, contribuindo para um desenvolvimento mais harmonioso dos filhos (MAIA; SOARES, 2019).

**Hipótese:**

Na época atual, é vasta a literatura da psicologia envolvendo as práticas educativas e estilos parentais, especialmente no que concerne às relações com o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental dos filhos. Contudo, ainda são escassos os estudos abrangendo ou correlacionando o gênero filhos sobre as práticas parentais no sistema familiar. O tema ainda é delicado e controverso dentro da literatura, tendo em vista as diversas variáveis socioculturais e econômicas implicadas. As pesquisas pouco consistentes, destacam a necessidade de mais estudo, discussão e fortalecimento de dados, principalmente em âmbito nacional, visando operacionalizar o trabalho do psicólogo em seus diversos contextos de atuação, bem como gerar conhecimento para que pais possam criar seus filhos de forma mais consciente.

**Metodologia Proposta:**

<b>Endereço:</b> RAMOS DE AZEVEDO	<b>CEP:</b> 14.090-180
<b>Bairro:</b> JARDIM PAULISTA	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> RIBEIRÃO PRETO
<b>Telefone:</b> (16)3603-6600	<b>Fax:</b> (16)3618-6102
	<b>E-mail:</b> cepbm@barademaui.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.764.552

**DELINEAMENTO:**

Será utilizado neste estudo o processo de pesquisa de campo, com intuito exploratório, de abordagem qualitativa e natureza aplicada. A pesquisa de campo, segundo Lakatos e Marconi (2003), busca investigar e obter informações sobre um problema ou situação, com objetivo de adquirir respostas ou contingências sobre determinado fenômeno. Isto posto, a imersão à campo consiste na observação holística dos acontecimentos no ambiente através de aspectos explícitos e implícitos, a fim de obter a compreensão e reflexão do participante vinculados ao problema de pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Em conformidade, no contexto exploratório, a pesquisa possui a finalidade de "desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos" (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 187). O estudo qualitativo da pesquisa terá o propósito de analisar, compreender e retratar com mais profundidade o objeto de estudo, mantendo a coerência através de seu procedimento (MASCARENHAS, 2012).

Dessa forma, o estudo qualitativo é caracterizado como interpretativo, pois visa fincar no conhecimento pautado no significado das relações e suas diferentes ópticas; experiencial, já que se embasa em um material empírico e na vivência dos participantes; situacional, observando a característica local de determinado contexto sem se apresentar de forma reduziva; e personalístico, analisando de forma empática a compreensão singular e individual do sujeito (STAKE R. E., 2011). Vale ressaltar que a natureza aplicada da pesquisa implicará na prática da ciência a fim de proporcionar conhecimento, e sua abordagem qualitativa não funcionará de maneira generalista, centrando-se em dados pré-definidos; mas, analisará as "descrições individuais e as conexões causais objetivas pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas", considerando as habilidades e intuições do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 1989, p.24).

**PARTICIPANTES**

Serão convidados a participar voluntariamente dessa pesquisa dez pessoas, que serão selecionados através do método bola de neve, sendo estes participantes homens e mulheres, que estejam legalmente casados ou não, porém, que tenham dois (ou mais) filhos juntos de diferentes sexos até 12 anos.

**Metodologia de Análise de Dados:**

A avaliação crítica dos dados colhidos pelas entrevistas se dará por meio do Método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, dividida em três partes: Prê-Análise, Exploração do Material e Tratamento dos Resultados. A primeira fase consiste no planejamento e organização do trabalho,

**Endereço:** RAMOS DE AZEVEDO  
**Bairro:** JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180  
**UF:** SP **Município:** RIBEIRÃO PRETO  
**Telefone:** (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.764.552

envolvendo a sistematização das ideias iniciais, formulação de hipóteses, objetivos e determinação de programas de interpretação flexíveis, para operacionalizar um esquema de análise. A segunda fase implica a análise propriamente dita, em que há aplicação dos procedimentos previamente definidos, codificação, decomposição e enumeração do material. A terceira e última fase inclui a interpretação dos resultados brutos (BARDIN, 2016).

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

O objetivo deste trabalho será compreender as práticas parentais envolvendo condutas educativas e disponibilização de recursos afetivos e práticos, considerando o gênero de pais e filhos.

**Objetivo Secundário:**

Compreender se o gênero e a ordem de nascimento se relacionam com as práticas parentais educativas. Entender se há preferência dos pais aos filhos do mesmo sexo que o seu. Compreender o investimento de recursos familiares (afetivos, sociais, financeiros, dentre outros) de acordo com a ordem de nascimento e gênero de cada filho. Compreender a percepção dos pais acerca de problemas emocionais e comportamentais dos filhos e descrever suas diferenças em meninos e em meninas, a partir das práticas parentais a que foram submetidos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos previstos envolvendo os participantes são mínimos, relacionados a possibilidade de constrangimento ou desconforto emocional ao responder questões que suscitem emoções negativas. Caso isso ocorra, os voluntários deverão entrar em contato e informar às pesquisadoras, para que possam prestar esclarecimentos, suporte emocional orientações sobre os sentimentos mobilizados, além de realizarem encaminhamentos, caso necessário.

**Benefícios:**

Os benefícios diretos ao participante incluem expressão de sentimentos e vivências e reflexão sobre o tema, desenvolvimento de práticas mais funcionais. Indiretamente, há ampliação de conhecimentos e compreensões sobre o tema, favorecendo o acesso aos resultados por profissionais que trabalham relações sociais e famílias que buscam desenvolver suas práticas parentais.

**Endereço:** RAMOS DE AZEVEDO  
**Bairro:** JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180  
**UF:** SP **Município:** RIBEIRAO PRETO  
**Telefone:** (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 4.764.552

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Após análise dos itens essenciais e do projeto de pesquisa como um todo, aprecia-se a relevância social que justifica a realização da pesquisa, pois seus resultados irão cooperar com o trabalho do Psicólogo em diversos contextos de atuação. Os objetivos primários e secundários são claros e utilizam verbos que indicam ação possível e viabilizam a elaboração da pesquisa quando associados à trajetória metodológica considerando os procedimentos de coleta, tabulação e análise dos dados.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A carta resposta apresentada ao CEP e as modificações realizadas no projeto de pesquisa, no que diz respeito às questões éticas em pesquisa com seres humanos consideradas na resolução CNS 466/12, atenderam às solicitações de pendências, assim como as recomendações sobre aspectos das normas ABNT.

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá (CEPBM), de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1726440.pdf	14/05/2021 21:38:03		Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencia.pdf	14/05/2021 21:36:11	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	14/05/2021 21:27:12	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	14/05/2021 21:25:37	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/05/2021 21:22:37	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito
Projeto Detalhado	projeto_de_pesquisa.docx	14/05/2021	JULIA FERREIRA	Aceito

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO  
 Bairro: JARDIM PAULISTA CEP: 14.090-180  
 UF: SP Município: RIBEIRÃO PRETO  
 Telefone: (16)3603-6600 Fax: (16)3618-6102 E-mail: cepbm@baraodemaua.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BARÃO DE MAUÁ



Continuação do Parecer: 4.764.552

/ Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa.docx	21:21:39	MENEZES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisador.pdf	14/04/2021 17:01:29	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	14/04/2021 16:04:35	JULIA FERREIRA DE MENEZES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIBEIRAO PRETO, 10 de Junho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Cristina Endo**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO  
Bairro: JARDIM PAULISTA CEP: 14.090-180  
UF: SP Município: RIBEIRAO PRETO  
Telefone: (16)3603-6600 Fax: (16)3618-6102 E-mail: cepbm@barademaui.br